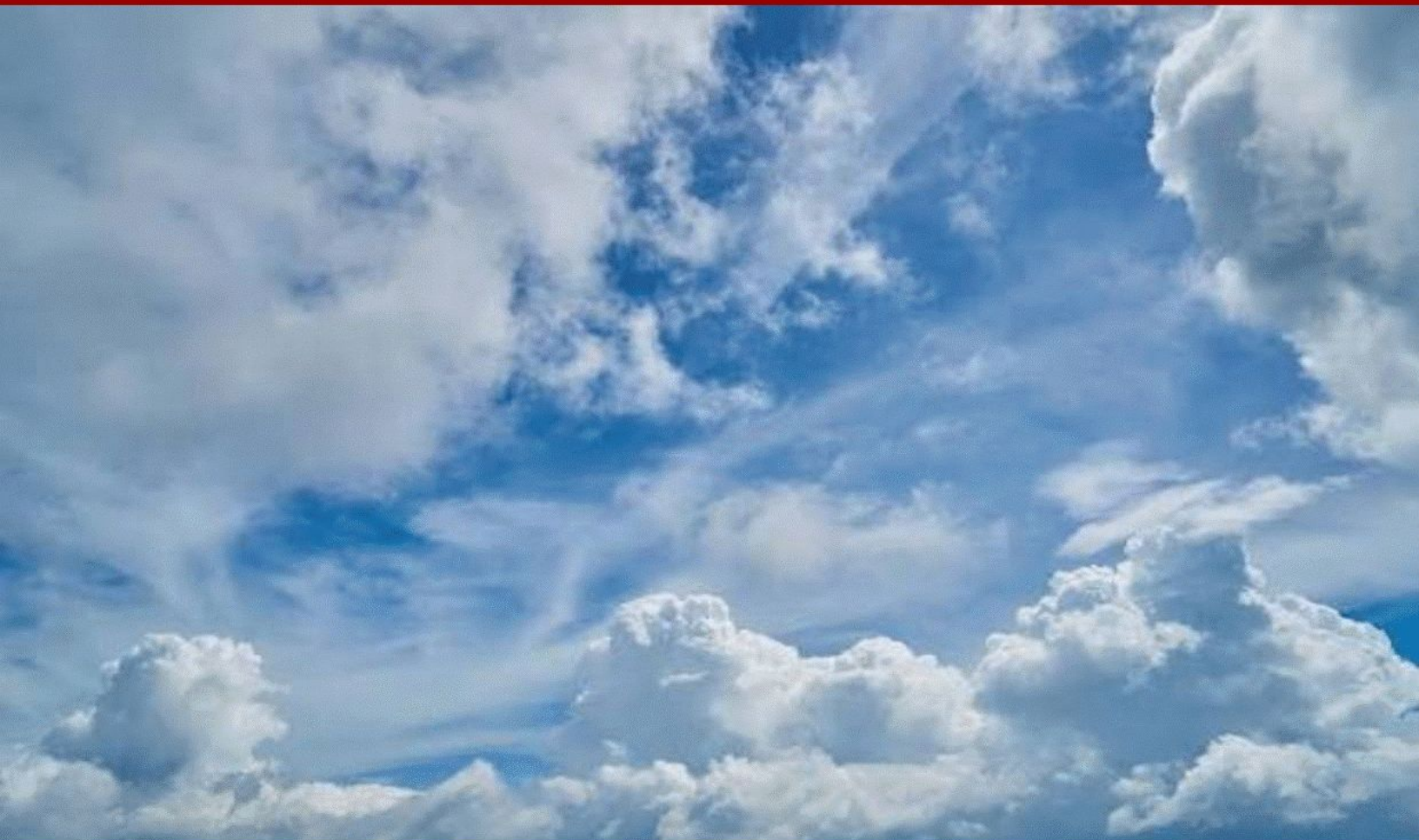


A Nuvem do Não-Saber



*Anónimo inglês
do Século XVIII*

A NUVEM DO NÃO-SABER

ANÓNIMO INGLÉS DO SÉCULO XIV

Tradução por IA (ChatGPT)
do texto extraído da
versão em espanhol

INTRODUÇÃO

[...]

O contexto histórico

É possível que o leitor tenha interesse em saber um pouco sobre o autor. Infelizmente, os dados são escassos e pouco podemos dizer. Sem dúvida, a melhor maneira de o conhecer é ler as suas obras, nas quais, como sempre, o estilo revela o homem. Apesar das muitas tentativas, ninguém conseguiu atribuir-lhe um nome; também não sabemos a que ordem religiosa pertenceu, se é que foi realmente religioso. A tal ponto chegou o seu humilde desejo de permanecer anónimo. Os manuscritos das suas obras são, contudo, numerosos; o mais antigo data do início do século XV. Como o autor parece ter conhecido as obras de Richard Rolle e Walter Hilton, [...] os historiadores concluem que deve ter escrito nos últimos anos do século XIV. Isto é confirmado pelo seu estilo, que indica também que os tratados foram escritos nas regiões centrais do nordeste de Inglaterra.

Pertence a um século célebre nos anais da espiritualidade pelos nomes de Richard Rolle, Juliana de Norwich e Walter Hilton, em Inglaterra; do Mestre Eckhart, João Tauler e Henrique Suso, na Alemanha; de Jan van Ruysbroeck, na Flandres; de Jacopone da Todi e Catarina de Sena, em Itália. É uma época ligada aos nomes de Ângela de Foligno e Tomás de Kempis, uma época, enfim, em que, apesar das convulsões e dos ameaçadores presságios de tempestade, a Europa era profundamente religiosa.

A fé penetrava profundamente no coração do povo e influenciava não apenas a sua arte, a sua música e a sua literatura, mas todos os aspetos da vida.

A alegre Inglaterra estava impregnada de uma fé religiosa que irrompe em *Piers Plowman* e nos *Contos da Cantuária*. Chaucer podia rir-se, com bom humor, das fraquezas de monjas e frades, mas aceitava a religião estabelecida com espírito submisso. Era esta a sociedade em que o autor de

A Nuvem viveu e escreveu: tanto ele como o seu público aceitavam como evidentes uma Igreja, uma fé e uma vida sacramental que muitos dos seus leitores atuais já não recebem sem as pôr em questão.

Foi, portanto, um perfeito homem medieval, profundamente enraizado no espírito do seu tempo e da sua tradição. Tantas palavras, frases e ideias suas se encontram também em *A Imitação de Cristo*, em *De Adhaerendo Deo*, nos escritos dos místicos das margens do Reno e noutros tratados devocionais da época, que imediatamente o reconhecemos como parte da grande corrente da espiritualidade medieval. Estava também ao corrente do que se dizia e pensava na cristandade, pois naquele tempo não existia qualquer «esplêndido isolamento». Os monges e sábios ingleses frequentavam os grandes centros do saber espalhados pela Europa.

Se necessitássemos de provas do seu caráter tradicional, bastaria citar as suas constantes referências não apenas à Escritura, mas também a Agostinho, Dionísio, Gregório, Bernardo, Tomás de Aquino, Ricardo de São Vítor e outros.

A modéstia e o receio da vaidade impedem-no de citar extensamente estes autores, mas não consegue deixar de se referir às suas obras e de refletir sobre o seu pensamento. E, uma vez mais, a riqueza da tradição latente nos seus escritos manifesta-se nas figuras e imagens que enchem as suas páginas. A própria «nuvem do não saber», o tema de Marta e Maria, a figura de Moisés que sobe à montanha, a noção da alma como espelho no qual pode ver Deus, a comparação da oração mística com o sono, «o puro impulso da vontade», «o amor casto e perfeito de Deus», «o ponto supremo do espírito»: todas estas são expressões tão impregnadas de tradição e utilizadas por tantos autores cristãos que é quase impossível afirmar categoricamente de quem as tomou o autor inglês ou onde encontrou a sua principal inspiração.

Mas, quando se estuda este autor no seu contexto histórico, surge outro problema que é necessário mencionar aqui: a sua surpreendente semelhança com São João da Cruz. Não poucos comentadores se aperceberam disso e chamaram ao autor inglês um São João da Cruz que viveu dois séculos antes. A verdade é que quase todos os pormenores da sua doutrina encontram um paralelo no posterior místico espanhol, e não apenas a

doutrina, mas também, em muitos casos, as próprias palavras e expressões são idênticas. Como explicar esta afinidade digna de atenção?

Não é impossível que o místico espanhol tenha lido uma versão de *A Nuvem* que poderia ter circulado na Europa continental do seu tempo. Seja como for, parece claro que ambos os escritores pertencem à mesma tradição espiritual. Através das suas páginas falam Agostinho, Dionísio, os Vitorinos, Tauler, Ruysbroeck e outros; sabemos também que ambos eram tomistas assumidos. Foi, portanto, a grande corrente de uma tradição comum que tomou posse do espírito destes dois homens. Ambos fazem parte de uma corrente mística que atravessou a cultura cristã, rompendo as barreiras do tempo e do espaço que separam a Inglaterra do século XIV da Espanha do século XVI. As suas poderosas ondas não perderam a força nem sequer no século XX.

[...]

É o místico ocidental mais representativo, um guia seguro tanto no século XX como no século XIV. E a sua orientação será extremamente valiosa tanto para aqueles que seguem a oração tradicional como para os que praticam a meditação transcendental ou outras formas contemplativas recentemente importadas do Oriente.

[...]

Concluirei fazendo minhas as palavras do autor: «Despeço-me de ti com a bênção de Deus e com a minha. Que Deus conceda a ti e a todos os que O amam a verdadeira paz, uma orientação sábia e prudente e a sua alegria interior na plenitude da graça. Ámen.»

*William Johnston
Universidade Sophia,
Tóquio, setembro de 1973*

Livro da contemplação chamado «A Nuvem do Não Saber», que trata dessa nuvem na qual a alma se une a Deus

1. ORAÇÃO

Ó Deus, diante de quem todos os corações estão abertos,
a quem todo o desejo é conhecido
e diante de quem nenhum segredo permanece oculto,
purifica os pensamentos do meu coração
e derrama sobre mim o teu Espírito,
para que eu possa amar-Te com amor perfeito
e louvar-Te como Tu mereces.
Ámen.

2. Prólogo

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Quem quer que sejas, tu que tens este livro nas mãos, deves saber que te imponho uma grave responsabilidade e as mais severas obrigações que os laços do amor podem exigir. Não importa que este livro seja teu, que o guardes para outra pessoa ou que o tenhas emprestado. Não o deverás ler, copiar ou comentar, nem permitir que outro o faça, a não ser que estejas verdadeiramente convencido de que se trata de alguém que, para além e acima das boas obras, decidiu seguir Cristo — tanto quanto é humanamente possível com a graça de Deus — até às profundezas mais íntimas da contemplação. Procura averiguar primeiro se essa pessoa foi fiel, durante algum tempo, às exigências da vida ativa, pois, de contrário, não estará preparada para penetrar no conteúdo deste livro.

Encarrego-te ainda, com a autoridade do amor, de que, se entregares este livro a outra pessoa, a previnas, como eu agora te previno, para que reserve tempo suficiente a lê-lo do princípio ao fim. É possível que alguns capítulos, lidos isoladamente, não sejam suficientemente claros e necessitem da explicação dada noutros para que o seu verdadeiro sentido fique completo. Receio que alguém leia apenas algumas partes e caia

rapidamente em erro. Para evitar semelhante desatino, peço-te, a ti e a todos os que lerem este livro, que, por amor, façam o que lhes recomendo.

Quanto aos mexeriqueiros, adutores, escrupulosos, alcoviteiros, intrometidos e hiper-críticos, peço-lhes que afastem deste livro os seus olhos o mais depressa possível. Nunca tive intenção de escrever para eles e prefiro que não se imiscuam neste assunto. O mesmo vale para os curiosos, sejam ou não pessoas instruídas. Podem ser boas pessoas segundo os critérios da vida ativa, mas este livro não corresponde às suas necessidades.

Há, contudo, algumas pessoas verdadeiramente comprometidas na vida ativa que a graça vai preparando para compreender a mensagem deste livro. Refiro-me àqueles que sentem a ação misteriosa do Espírito no mais íntimo do seu ser, movendo-os para o amor. Não digo que sintas este impulso em todos os momentos, como acontece com os contemplativos já experimentados, mas apenas que, de vez em quando, experimentes algo desse amor contemplativo no centro do teu ser. Se essas pessoas chegarem a ler este livro, creio que lhes servirá de grande estímulo e encorajamento.

3. Introdução

Peço-te, meu querido amigo em Deus, que permaneças vigilante e atento ao caminho por onde avanças na tua vocação. Dá graças a Deus por este chamamento, pois, com o auxílio da sua graça, poderás manter-te firme diante dos subtis assaltos dos inimigos que te atacam tanto por dentro como por fora, para que alcances o prémio da vida eterna. Ámen.

3.1 - Dos quatro graus da vida cristã e do desenvolvimento da vocação daquele para quem escrevi este livro

Meu querido amigo, desejo comunicar-te aquilo que observei acerca da vida cristã. Em geral, parece-me que ela progride através de quatro etapas de crescimento, às quais chamo: a comum, a especial, a singular e a perfeita. As três primeiras podem iniciar-se e desenvolver-se nesta vida mortal; a quarta, embora comece aqui, continuará sem fim na alegria da eternidade.

Reparas que coloquei estas etapas numa determinada ordem? Fi-lo porque creio que Nosso Senhor, na sua infinita misericórdia, te está a chamar a avançar seguindo os seus passos. Reconheço esse chamamento no desejo por Ele que arde no teu coração.

Sabes que, durante algum tempo, viveste a forma comum da vida cristã, levando uma existência mundana e rotineira, juntamente com os teus amigos. Mas creio que o amor eterno de Deus, que te criou do nada e te resgatou da maldição de Adão pelo sacrifício do seu sangue, não podia consentir que permanecesses numa vida tão comum e tão afastada d'Ele.

Assim, com delicadeza inexcedível, despertou em ti o desejo e, prendendo-te rapidamente com as rédeas da saudade amorosa, atraiu-te para mais perto de Si, por meio daquela forma de vida a que chamei especial. Chamou-te para seres seu amigo e, na companhia dos seus amigos, aprendeste a viver a vida interior com uma perfeição maior do que seria possível na vida comum ou ordinária.

Mas haverá ainda mais? Sim. Creio que, desde o princípio, o amor de Deus por ti foi tão grande que o seu coração não poderia ficar satisfeito nem mesmo com isso. Que fez então? Não vês com quanta bondade e suavidade te conduziu ao terceiro caminho, a vida singular? Agora vives no centro mais profundo e solitário do teu ser, aprendendo a dirigir o teu desejo ardente para a forma mais elevada e definitiva do amor, aquela a que chamei perfeita.

3.2 - Breve exortação à humildade e à atividade contemplativa

Coragem, pois! Tu, frágil mortal, procura compreender-te a ti mesmo. Julgas acaso que és alguém especial ou que mereceste o favor do Senhor? Como pode o teu coração ser tão pesado e tão pobre de espírito que não se eleve continuamente atraído pelo amor do Senhor e pelo som da sua voz?

O teu inimigo sugerir-te-á que descanses sobre os teus louros. Mas permanece vigilante perante a sua astúcia. Não te deixes enganar pensando que és melhor ou mais santo porque foste chamado ou porque avançaste no caminho singular da vida. Pelo contrário, serás infeliz, culpado e digno de

compaixão, se, com a ajuda de Deus e da sua direção, não fizeres tudo o que está ao teu alcance para viver fielmente a tua vocação.

Longe de te envaideceres, deverás tornar-te cada vez mais humilde e mais entregue ao teu Senhor, ao contemplares até que ponto Aquele que é o Deus onnipotente, Rei dos reis e Senhor dos senhores, Se abaixou para te chamar. Pois, de entre todo o seu rebanho, escolheu-te amorosamente para seres um dos seus amigos mais íntimos.

Conduziu-te a suaves pastagens e alimentou-te com o seu amor, levando-te a tomar posse da tua herança no seu Reino.

Peço-te, portanto, que prossigas o teu caminho sem desfalecer. Espera pelo amanhã e deixa para trás o ontem. Não te detenhas naquilo que já alcançaste; procura antes atingir aquilo que ainda tens diante de ti. Se assim fizeres, permanecerás na verdade.

Por agora, se queres crescer, debes alimentar no teu coração o vivo desejo de Deus. Embora esse desejo seja um dom de Deus, cabe-te a ti alimentá-lo. Não o esqueças: Deus é um amante ciumento. Está a agir no mais íntimo do teu espírito e não admite substitutos. Tu és o único de quem Ele necessita. Tudo o que te pede é que coloques n'Ele o teu amor e O deixes agir sozinho.

Fecha as portas e as janelas do teu espírito contra a invasão das pestes e dos inimigos e procura, com súplica perseverante, a sua força. Se assim fizeres, permanecerás a salvo deles. Persevera, pois. Quero ver como caminhas. Nosso Senhor está sempre pronto. Apenas espera a tua cooperação.

Mas perguntar-me-ás: como devo continuar? Que devo fazer agora?

3.3 - Como se deve praticar a contemplação; da sua excelência acima de todas as outras atividades

Eis o que debes fazer. Eleva o teu coração ao Senhor com um suave movimento de amor, desejando-O por Si mesmo e não pelos seus dons. Concentra n'Ele toda a tua atenção e todo o teu desejo e faz com que esta

seja a única preocupação da tua mente e do teu coração. Faz tudo o que estiver ao teu alcance para esquecer tudo o mais, procurando libertar os teus pensamentos e os teus desejos de qualquer apego às criaturas do Senhor ou aos seus assuntos, tanto em geral como em particular. Talvez isto te pareça uma atitude irresponsável, mas acredita em mim: deixa-te conduzir e não lhes prestes atenção.

O que estou a descrever é a obra contemplativa do espírito. É a que mais agrada a Deus. Pois, quando colocas n'Ele o teu amor e te esqueces de tudo o mais, os santos e os anjos alegram-se e apressam-se a ajudar-te de todos os modos, embora os demónios se enfureçam e conspirem incessantemente para te perder. Os homens, teus semelhantes, são maravilhosamente enriquecidos por esta tua atividade, embora não saibas bem como. As próprias almas do purgatório são beneficiadas, porque os seus sofrimentos são aliviados pelos efeitos desta atividade. E, naturalmente, o teu próprio espírito é purificado e fortalecido por esta atividade contemplativa mais do que por todas as outras juntas. Em compensação, quando a graça de Deus começar a entusiasmar-te, esta tornar-se-á a atividade mais leve e uma das mais agradáveis de praticar. Sem a sua graça, porém, é muito difícil e quase diria que está para além das tuas forças.

Persevera, pois, até começares a encontrar nela verdadeira alegria. É natural que, no início, não sintas senão uma espécie de obscuridade sobre a tua mente ou, se preferires, uma nuvem do não saber. Parecer-te-á que nada conheces nem sentes, exceto um puro impulso para Deus nas profundezas do teu ser. Faças o que fizeres, essa obscuridade e essa nuvem interpor-se-ão entre ti e o teu Deus. Sentir-te-ás frustrado, porque a tua mente será incapaz de O compreender e o teu coração não poderá ainda saborear plenamente a doçura do seu amor.

Mas aprende a permanecer nessa obscuridade. Volta a ela tantas vezes quantas puderes, deixando que o teu espírito clame por Aquele que amas. Pois, se nesta vida esperas sentir e ver Deus tal como Ele é, será precisamente nesta obscuridade e nesta nuvem. E, se te esforçares por fixar n'Ele o teu amor, esquecendo tudo o mais — e é nisso que consiste a obra de contemplação que te convido a empreender — tenho a firme confiança

de que Deus, na sua bondade, te concederá uma profunda experiência de Si mesmo.

3.4 - Da simplicidade da contemplação; de que não se adquire pelo conhecimento nem pela imaginação

Acabei de descrever, ainda que brevemente, aquilo que é a atividade contemplativa. Quero agora examiná-la mais atentamente, tal como a compreendo, para que possas avançar nela com segurança e sem erro.

Esta atividade não exige tempo, embora algumas pessoas imaginem o contrário. Na realidade, é a mais breve que possas conceber: tão breve como um átomo, que, segundo os filósofos, é a mais pequena divisão do tempo. O átomo é um instante tão breve e indivisível que a mente mal consegue concebê-lo. Contudo, tem uma importância imensa, pois acerca desta mínima medida de tempo foi escrito: «Prestarás contas de todo o tempo que te foi dado.» E isto é absolutamente verdadeiro, porque a tua principal faculdade espiritual, a vontade, necessita apenas desta ínfima fração de um instante para se dirigir ao objeto do seu desejo.

Se, pela graça, fosses restaurado à integridade que o homem possuía antes do pecado, serias senhor absoluto destes impulsos. Nenhum deles se desviaria, mas todos voariam para o único Bem, meta de todo o desejo: o próprio Deus. Pois Deus criou-nos à sua imagem e semelhança, tornando-nos semelhantes a Ele; e, na Encarnação, ocultou a sua divindade, fazendo-Se homem como nós. É Deus, e só Deus, quem pode saciar plenamente a fome e a sede do nosso espírito que, transformado pela sua graça redentora, é capaz de O abraçar pelo amor. Aquele que nem os homens nem os anjos conseguem compreender pelo conhecimento pode, contudo, ser abraçado pelo amor. O entendimento dos homens e dos anjos é demasiado limitado para compreender Deus tal como Ele é em Si mesmo.

Procura compreender este ponto. As criaturas racionais, como os homens e os anjos, possuem duas faculdades principais: a faculdade de conhecer e a faculdade de amar.

Ninguém pode compreender plenamente o Deus incriado pelo entendimento; mas cada um, de modo diferente, pode alcançá-Lo plenamente pelo amor. Este é o incessante milagre do amor: quem ama pode, através do seu amor, abraçar Deus, cujo ser enche e transcende toda a criação. E esta maravilhosa obra do amor permanece para sempre, porque Aquele que amamos é eterno. Quem tiver a graça de reconhecer a verdade do que estou a dizer, grave bem estas palavras no coração, pois experimentar este amor é já a alegria da vida eterna, enquanto perdê-lo é o tormento eterno.

Quem, com o auxílio da graça de Deus, toma consciência dos constantes movimentos da sua vontade e aprende a orientá-los para Deus nunca deixará de saborear alguma coisa da alegria do Céu, mesmo nesta vida. E, na vida futura, experimentá-la-á plenamente.

Compreendes agora porque te incentivo tanto a esta obra espiritual? Se o homem não tivesse pecado, dedicar-se-ia espontaneamente a ela, pois foi criado para amar e tudo o mais foi criado para tornar possível o amor. Apesar de tudo, o homem será curado precisamente pela obra do amor contemplativo. Quando a abandona, afunda-se cada vez mais no pecado e afasta-se mais de Deus. Mas, perseverando nela, vai pouco a pouco emergindo do pecado e penetrando na intimidade divina.

Por isso, presta atenção ao tempo e ao modo como o empregas. Nada existe de mais precioso. Isto torna-se evidente quando compreendes que, num único instante, se pode ganhar ou perder o Céu. Deus, Senhor do tempo, nunca concede o futuro. Dá apenas o presente, instante após instante, porque esta é a lei da criação. E Deus não Se contradiz na sua própria obra. O tempo foi feito para o homem, e não o homem para o tempo. Deus, Senhor da natureza, nunca antecipará as decisões do homem, que se sucedem uma após outra no tempo. No Juízo Final, ninguém poderá desculpar-se diante de Deus dizendo: «Sobrecarregaste-me com o futuro, quando eu só podia viver o presente.»

Vejo que agora estás desanimado e que dizes para contigo: «Que devo fazer? Se tudo isto é verdade, como poderei justificar o meu pecado? Tenho vinte e quatro anos e, até este momento, mal dei importância ao tempo. E o pior é que, mesmo que quisesse, não poderia reparar o passado, pois,

segundo aquilo que acabaste de ensinar, isso é impossível por natureza, mesmo com o auxílio da graça comum. Além disso, sei muito bem que, no futuro, provavelmente não estarei mais atento ao momento presente do que estive até agora. Sinto-me completamente desanimado. Ajuda-me, pelo amor de Jesus.»

Bem disseste: «pelo amor de Jesus». Pois é unicamente no seu amor que encontrarás auxílio. No amor, tudo é partilhado; e, se amas Jesus, tudo o que é d'Ele torna-se teu. Como Deus, é o Criador e Senhor do tempo; como homem, viveu cada instante com perfeita fidelidade; como Deus e homem, é o justo Juiz dos homens e do modo como empregam o tempo. Une-te, pois, a Jesus, pela fé e pelo amor, para que, pertencendo-Lhe, possas participar de tudo quanto é seu e entrar na amizade daqueles que O amam. Esta é a comunhão dos santos, e estes serão os teus amigos: Nossa Senhora, Santa Maria, que esteve cheia de graça em todos os momentos da sua vida; os anjos, incapazes de desperdiçar o tempo; e todos os santos do Céu e da terra, que, pela graça de Jesus, empregam todo o seu tempo em amar. Repara bem: aqui está a tua força. Compreende o que te digo e ganha coragem. Mas lembra-te, acima de tudo, desta advertência: ninguém pode reclamar para si a verdadeira amizade de Jesus, da sua Mãe, dos anjos e dos santos, se não fizer tudo quanto está ao seu alcance, com a graça de Deus, para aproveitar bem o tempo. Deve oferecer a sua pequena parte, por mínima que seja, para fortalecer essa amizade, do mesmo modo que ela o fortalece a ele.

Não descuides, pois, esta obra de contemplação. Procura também apreciar os seus maravilhosos efeitos no teu próprio espírito. Quando é autêntica, consiste num simples e espontâneo desejo que se lança de repente para Deus, como uma faúlha que salta do fogo. É admirável ver quantos santos desejos brotam do espírito de uma pessoa habituada a esta atividade. E, contudo, talvez apenas um desses impulsos esteja completamente livre de qualquer apego a uma realidade criada. Ou pode acontecer também que, logo depois de um homem se voltar para Deus, a sua fragilidade humana o distraia com a lembrança de alguma criatura ou de alguma preocupação quotidiana. Mas isso não importa. Nada de mau aconteceu. Essa pessoa voltará em breve ao profundo recolhimento.

Passemos agora à diferença entre a verdadeira obra contemplativa e as suas falsificações, como os devaneios, as fantasias ou os raciocínios subtis. Estes nascem de um espírito presunçoso, curioso ou fantasioso, ao passo que o puro impulso do amor nasce de um coração sincero e humilde. O orgulho, a curiosidade e as fantasias ou devaneios devem ser firmemente dominados, se queremos que a verdadeira contemplação floresça autenticamente no íntimo do coração. Alguns, provavelmente, ouvirão falar desta obra e imaginarão que a podem realizar por meio de engenhosos esforços pessoais. Forçarão a mente e a imaginação de modo artificial e antinatural, produzindo apenas uma falsa atividade que não é nem humana nem divina. Na realidade, essa pessoa encontra-se perigosamente enganada. E temo que, se Deus não intervier por um verdadeiro milagre, levando-a a abandonar tais práticas e a procurar humildemente uma orientação segura, acabará por cair em perturbações mentais ou noutro grave engano espiritual suscitado pelo demónio. Corre, assim, o risco de perder para sempre o corpo e a alma. Pelo amor de Deus, dedica-te inteiramente a esta obra e nunca forces a tua mente nem a tua imaginação, porque por esse caminho nunca chegarás a parte alguma. Deixa essas faculdades em paz.

Não penses que, por eu falar de obscuridade e de uma nuvem, me esteja a referir às nuvens que vês num céu carregado ou à escuridão da tua casa quando a candeia se apaga. Se assim fosse, bastaria um pouco de imaginação para evocar um céu de verão rasgando as nuvens ou uma luz clara iluminando a escuridão do inverno. Não é disso que falo; afasta, pois, tais fantasias. Quando falo de obscuridade, refiro-me à ausência de conhecimento. Se és incapaz de compreender alguma coisa ou se a esqueceste, não permaneces acaso na obscuridade em relação a ela? Não a consegues ver com os olhos da mente. Pois bem, é exatamente neste sentido que não disse simplesmente «nuvem», mas «nuvem do não saber». Trata-se da obscuridade do não saber que permanece entre ti e o teu Deus.

3.5 - Durante a oração contemplativa, todas as coisas criadas e as suas obras devem ser sepultadas sob a nuvem do esquecimento

Se desejas entrar nesta nuvem, permanecer nela e prosseguir a obra de amor da contemplação, à qual te estou a incitar, deves fazer ainda outra coisa. Assim como a nuvem do não saber se encontra acima de ti, entre ti e

o teu Deus, do mesmo modo deves estender uma nuvem do esquecimento por baixo de ti, entre ti e tudo o que foi criado. A nuvem do não saber talvez te deixe com a sensação de estares longe de Deus. Mas não é assim: se ela for autêntica, aquilo que agora te mantém afastado d'Ele é apenas a ausência de uma nuvem do esquecimento. Sempre que digo «todas as criaturas», refiro-me não apenas a tudo o que foi criado, mas também a todas as suas circunstâncias e atividades. Não faço qualquer exceção. A tua obrigação é não te prenderes a nenhuma criatura, material ou espiritual, nem à sua condição ou aos seus atos, sejam eles bons ou maus. Para o dizer brevemente: durante esta obra deves abandonar tudo isso sob a nuvem do esquecimento.

Pois, embora em determinados momentos e circunstâncias seja necessário e útil deter-se em situações e atividades concretas relativas a pessoas e coisas, durante esta atividade isso é quase inútil. O pensamento e a memória são formas de compreensão espiritual nas quais o olhar do espírito se abre e se fixa nas coisas, como o olhar do arqueiro no seu alvo. Mas insisto contigo: tudo aquilo em que te detiveres durante esta atividade torna-se um obstáculo à união com Deus. Pois, se a tua mente estiver ocupada com essas preocupações, não haverá lugar para Ele.

E, com toda a reverência devida, chego mesmo a afirmar que é completamente inútil pensar que podes alimentar a tua obra contemplativa considerando os atributos de Deus, a sua bondade ou a sua dignidade; ou pensando em Nossa Senhora, nos anjos ou nos santos; ou nas alegrias do Céu, por mais maravilhosas que sejam. Creio que este tipo de atividade já não te serve. É certamente louvável refletir sobre a bondade e o amor de Deus e louvá-Lo por isso. Contudo, é muito melhor que a tua mente repouse na simples consciência d'Ele mesmo, na sua existência nua, e que O ames e O louves por aquilo que Ele é em Si mesmo.

3.6 - Breve explicação da contemplação sob a forma de diálogo

Mas tu perguntas: «Como poderei pensar em Deus tal como Ele é em Si mesmo?» A isto só posso responder: «Não sei.»

Com esta pergunta conduzes-me à mesma obscuridade e à mesma nuvem do não saber na qual desejo que entres. O homem pode conhecer plenamente e considerar tudo o que foi criado e as suas obras, e também as obras de Deus, mas não o próprio Deus. O pensamento não pode compreender Deus. Por isso, prefiro abandonar tudo aquilo que posso conhecer e escolher antes amar Aquele que não posso conhecer. Embora não possamos conhecê-Lo, podemos amá-Lo. Pelo amor, Ele pode ser alcançado e abraçado, mas nunca pelo pensamento. É claro que, por vezes, fazemos bem em considerar a majestade ou a bondade de Deus, por causa da compreensão que estas meditações nos podem proporcionar. Mas, na verdadeira atividade contemplativa, deves deixar tudo isso de parte e cobri-lo com uma nuvem do esquecimento. Deixa, pois, que o teu desejo devoto, gracioso e amoroso avance, decidida e alegremente, para além de tudo isso e penetre na obscuridade que está acima de ti. Sim, golpeia essa densa nuvem do não saber com o dardo do teu desejo amoroso e não desistas, aconteça o que acontecer.

3.7 - Como se deve comportar uma pessoa durante a oração relativamente aos pensamentos, especialmente aos que nascem da curiosidade e da inteligência natural

É inevitável que surjam ideias na tua mente e procurem distrair-te de mil maneiras. Perguntar-te-ão:

«Que procuras? Que desejas?»

A todas elas deves responder:

«Só procuro e desejo Deus, somente Ele.»

E, se te perguntarem: «Quem é esse Deus?», diz-lhes que é o Deus que te criou, que te redimiou e que te conduziu a esta obra. Diz aos teus pensamentos: «Sois incapazes de O compreender. Deixai-me em paz.» Dispersa-os, voltando-te para Jesus com um desejo amoroso.

Não te surpreendas se os teus pensamentos parecerem santos e úteis para a oração. Muito provavelmente, darás por ti a pensar nas maravilhosas

qualidades de Jesus, na sua doçura, no seu amor, na sua graça e na sua misericórdia. Mas, se prestares atenção a estas ideias, verás que conseguiram aquilo que pretendiam de ti e continuarão a falar-te até te conduzirem ao pensamento da Paixão. Depois surgirão ideias acerca da sua imensa bondade e, se continuares atento, elas ficarão satisfeitas. Em breve, encontrar-te-ás a pensar na tua vida pecadora e talvez, por esse motivo, te recordes de algum lugar onde viveste no passado, até que, de repente, antes de te aperceberes, a tua mente se tenha dispersado completamente.

E, contudo, não eram maus pensamentos. Na verdade, eram pensamentos bons e santos, tão valiosos que todo aquele que deseje avançar sem ter meditado frequentemente nos próprios pecados, na Paixão de Cristo e na mansidão, bondade e dignidade de Deus se desviará e fracassará no seu intento. Mas uma pessoa que tenha meditado longamente nestas realidades deve deixá-las para trás, sob a nuvem do esquecimento, se quiser penetrar na nuvem do não saber que se encontra entre ela e o seu Deus.

Por isso, sempre que fores movido pela graça para a atividade contemplativa e estiveres decidido a realizá-la, eleva simplesmente o coração a Deus com um suave movimento de amor. Pensa apenas em Deus, que te criou, te redimiou e te conduziu a esta obra. Não deixes que entrem na tua mente outras ideias acerca de Deus. Até isto é já demasiado. Basta um impulso puro para Deus, o desejo d'Ele somente.

Se quiseres concentrar todo o teu desejo numa única palavra que a tua mente possa conservar facilmente, escolhe uma palavra breve em vez de uma longa. Palavras tão simples como «Deus» ou «Amor» são muito adequadas. Mas debes escolher uma que tenha significado para ti. Fixa-a depois na tua mente, de modo que ali permaneça, aconteça o que acontecer. Essa palavra será a tua defesa tanto na guerra como na paz. Serve-te dela para golpear a nuvem de obscuridade que está acima de ti e para dominar todas as distrações, prendendo-as sob a nuvem do esquecimento que tens por baixo de ti. Se algum pensamento continuar a incomodar-te, querendo saber o que estás a fazer, responde-lhe apenas com essa palavra. Se a tua mente começar a analisar intelectualmente o sentido e as conotações dessa «pequena palavra», lembra-te de que o seu valor reside na simplicidade. Faz

isto e asseguro-te que esses pensamentos desaparecerão. Porquê? Porque te recusaste a desenvolvê-los, discutindo com eles.

3.8 - Uma boa exposição de certas dúvidas que podem surgir acerca da contemplação; de que a curiosidade do homem, o seu saber e a sua inteligência natural devem ser abandonados nesta obra; da distinção entre os graus e as partes da vida ativa e da vida contemplativa

Mas agora dizes-me: «Como devo avaliar estas ideias que atuam sobre mim quando rezo? São boas ou más? E, se são más, isso surpreende-me muito, porque despertam intensamente a minha devoção. Por vezes, são um verdadeiro alívio e chegam mesmo a fazer-me chorar de dor diante da Paixão de Cristo ou dos meus próprios pecados.

Por outras razões, inclino-me também a acreditar que estas santas meditações me fazem muito bem. Por isso, se não são más, mas positivamente boas, não compreendo por que razão me aconselhas a deixá-las sob uma nuvem do esquecimento.»

As perguntas que me fazes são muito boas e procurarei responder-lhes o melhor possível. Queres saber, em primeiro lugar, que espécie de pensamentos são esses, já que parecem tão úteis. A isso respondo: são as ideias claras da tua inteligência natural, concebidas pela razão na tua mente. Quanto a saber se são boas ou más, insisto em que são sempre boas em si mesmas, pois a tua inteligência é um reflexo da inteligência divina. São certamente boas quando, com a graça de Deus, te ajudam a compreender os teus pecados, a Paixão de Cristo, a bondade de Deus ou as maravilhas que Ele realiza através da criação. Não é de admirar que estas reflexões fortaleçam a tua devoção. Mas tornam-se más quando, inchadas pelo orgulho, pela curiosidade intelectual e pelo egoísmo, corrompem a tua mente. Pois então abandonaste a mente humilde de um sábio, de um mestre de teologia e de ascética, para te tornares semelhante àqueles sábios orgulhosos do demónio, peritos em vaidades e mentiras. Digo isto como advertência para todos. A inteligência natural inclina-se para o mal sempre que se enche de orgulho e de curiosidade desnecessária acerca dos negócios mundanos e das vaidades humanas, ou quando deseja egoisticamente dignidades mundanas, riquezas, prazeres vãos ou a própria vaidade.

Perguntas agora: se estes pensamentos não são apenas bons em si mesmos, mas podem também ser usados para o bem, por que razão os devo deixar sob uma nuvem do esquecimento? Responder a isto exige alguma explicação. Começarei por dizer que, na Igreja, existem duas espécies ou formas de vida: a ativa e a contemplativa. A vida ativa é inferior e a contemplativa superior. Dentro da vida ativa existem também dois graus: um inferior e outro mais elevado. Mas estas duas vidas completam-se de tal modo que, embora sejam totalmente diferentes entre si, nenhuma delas pode existir independentemente da outra. Pois o grau superior da vida ativa penetra no grau inferior da vida contemplativa, de modo que, por mais ativa que uma pessoa seja, é também, ao mesmo tempo, parcialmente contemplativa. E, quando o homem é tão contemplativo quanto pode ser nesta vida, continua, em certa medida, a ser ativo.

A vida ativa é de tal natureza que começa e termina na terra. A contemplativa, porém, pode certamente começar na terra, mas continuará sem fim na eternidade. E isto porque a vida contemplativa é a parte de Maria, que não lhe será tirada. A vida ativa, pelo contrário, perturba-se e preocupa-se com muitas coisas, ao passo que a contemplativa se senta em paz junto da única coisa necessária.

No grau inferior da vida ativa, a pessoa procede bem ocupando-se em boas ações e em obras de misericórdia. No grau superior da vida ativa — que se funde com o grau inferior da vida contemplativa — o homem começa a meditar nas realidades do espírito. É então que deve considerar, com lágrimas, a maldade do homem, até penetrar na Paixão de Cristo e nos sofrimentos dos seus santos com ternura e compaixão. É também então que cresce na estima da bondade de Deus e dos seus dons e começa a louvá-Lo e a dar-Lhe graças pelos modos maravilhosos como atua na sua criação. Mas, no grau mais elevado da contemplação — tal como a conhecemos nesta vida — tudo é obscuridade e uma nuvem do não saber. Aqui, a pessoa volta-se para Deus com o desejo amoroso d'Ele somente e permanece na consciência cega do seu ser nu.

As atividades do grau inferior da vida ativa deixam por explorar grande parte das capacidades naturais do homem. Nesta etapa, ele vive, por assim dizer, fora de si mesmo ou abaixo de si mesmo. À medida que avança para

o grau superior da vida ativa — que se funde com o grau inferior da vida contemplativa — torna-se mais interior, vive mais a partir das profundezas de si mesmo e torna-se mais verdadeiramente humano. Mas, no grau superior da vida contemplativa, transcende-se a si mesmo, porque alcança pela graça aquilo que, por natureza, está acima dele. Encontra-se agora espiritualmente unido a Deus numa comunhão de amor e de desejo.

A experiência ensina que é necessário deixar de lado, durante algum tempo, as obras do grau inferior da vida ativa, a fim de penetrar no grau superior da vida ativa, que, como dissemos, se funde no grau inferior da vida contemplativa. Do mesmo modo, chega um momento em que é necessário deixar também essas obras, para avançar para o grau superior da vida contemplativa. E, assim como é erro que uma pessoa, sentada a meditar, pense nas coisas que fez ou fará, sem considerar se são boas e dignas em si mesmas, do mesmo modo não é correto que uma pessoa, que deveria estar ocupada na obra da contemplação, na obscuridade da nuvem do não saber, permita que ideias acerca de Deus, dos seus dons maravilhosos, da sua bondade ou das suas obras a distraiam da atenção ao próprio Deus. É uma questão completamente diferente do facto de serem pensamentos bons, que proporcionam conforto e alegria. Aqui não têm lugar.

Por isso, exorto-te a rejeitar todo o pensamento sábio ou subtil, por mais santo ou valioso que seja. Cobre-o com a espessa nuvem do esquecimento, porque, nesta vida, só o amor pode alcançar Deus tal como Ele é em Si mesmo, nunca o conhecimento. Enquanto vivemos nestes corpos mortais, a agudeza do nosso entendimento permanece embotada pelas limitações materiais sempre que trata das realidades espirituais e, de modo especial, de Deus. O nosso raciocínio, portanto, nunca é pensamento puro e, sem o auxílio da misericórdia divina, levar-nos-ia muito depressa ao erro.

3.9 - Os pensamentos mais sublimes são mais obstáculo do que auxílio durante a oração contemplativa

Deves, portanto, rejeitar toda a representação clara assim que ela surgir, pois surgirá inevitavelmente durante a atividade cega do amor contemplativo. Se não as venceres, elas certamente te dominarão. Quanto

mais desejares estar a sós com Deus, mais elas se insinuarão na tua mente com tal subtilidade que só uma vigilância constante poderá detetá-las. Podes ter a certeza de que, se estiveres ocupado com algo inferior a Deus, colocas essa realidade acima de ti enquanto pensas nela e levantas uma barreira entre ti e Deus.

Deves, por isso, rejeitar com firmeza todas as ideias claras, por mais piedosas ou agradáveis que sejam. Acredita no que te digo: um desejo amoroso e cego dirigido somente para Deus é, em si mesmo, mais valioso, mais agradável a Deus e aos santos, mais proveitoso para o teu crescimento e mais útil aos teus amigos, vivos e defuntos, do que qualquer outra coisa que pudesses fazer. E é uma bênção maior para ti experimentar o movimento interior deste amor na obscuridade da nuvem do não saber do que contemplar os anjos e os santos ou ouvir a alegria e a melodia da sua festa no Céu.

Isto surpreende-te? É apenas porque ainda não o experimentaste por ti mesmo. Mas, quando o experimentares — como firmemente creio que acontecerá pela graça de Deus — então poderás compreendê-lo. É claro que, nesta vida, é impossível ver e possuir Deus plenamente; mas, com a sua graça e no tempo por Ele determinado, é possível saborear algo d'Ele tal como é em Si mesmo. Entra, portanto, nesta nuvem com um grande desejo d'Ele. Ou melhor, diria eu: deixa que Deus desperte em ti esse desejo e lança-te para Ele dentro desta nuvem, enquanto, com o auxílio da sua graça, te esforças por esquecer tudo o mais.

Lembra-te de que, se as ideias claras que surgem involuntariamente e que tu rejeitas podem perturbar-te e afastar-te do Senhor, privando-te da experiência do seu amor, muito mais o farão aquelas que cultivas deliberadamente. E, se o pensamento de um santo em particular ou de alguma realidade puramente espiritual cria um obstáculo a esta atividade, quanto mais o pensamento de um ser humano mortal ou de qualquer outro interesse material ou mundano.

Não afirmo que esses pensamentos, voluntários ou involuntários, sejam maus em si mesmos. Deus me livre de que me interpretes mal. Não. O que quis dizer é que são mais um obstáculo do que uma ajuda. Pois, se procuras

verdadeiramente só Deus, nunca encontrarás repouso nem contentamento em nada que seja inferior a Deus.

3.10 – Como o homem pode reconhecer quando os seus pensamentos são pecaminosos; da diferença entre pecados mortais e veniais

Outra coisa são os pensamentos acerca de pessoas mortais e de realidades materiais ou mundanas. É possível que surjam na tua mente, sem o teu consentimento, pensamentos relacionados com essas coisas. Não há pecado nisso, pois não é culpa tua, uma vez que tudo acontece como consequência do pecado original. Embora tenhas sido purificado do pecado original no batismo, continuas sujeito às suas consequências. Por isso, és obrigado a rejeitar imediatamente esses pensamentos, pois a tua natureza é frágil. Se não o fizeres, poderás ser levado a amar ou a odiar segundo as reações que eles despertarem. Se se tratar de um pensamento agradável ou da recordação de algum prazer passado, poderás surpreender-te a consentir no deleite que ele proporciona; e, se for um pensamento desagradável ou trazer à memória alguma recordação dolorosa, poderás ceder a um sentimento de rancor. Tal consentimento pode tornar-se pecado grave no caso de uma pessoa que vive afastada de Deus e fez uma opção fundamental contra o bem. Mas, no teu caso, como no de qualquer outra pessoa que tenha renunciado sinceramente aos laços mundanos, seria apenas um pecado leve. Ao escolheres o teu atual modo de vida, fizeste uma opção radical por Deus, e essa opção permanece, ainda que tenhas alguma falha passageira. Não há um consentimento pleno e, por isso, seria para ti um pecado mais leve. Apesar de tudo, se deixares que os teus pensamentos descontrolados cheguem ao ponto de te instalares neles consciente e voluntariamente, com pleno consentimento, cairás em pecado grave. Pois é sempre pecado grave permanecer, com plena consciência e consentimento, a pensar numa pessoa ou coisa que incite o coração a um dos sete pecados capitais.

Se ficares a remoer alguma injustiça passada ou presente, depressa serás atormentado por desejos de vingança e de ira; e a ira é pecado. Se gerares um profundo desprezo por outra pessoa e uma espécie de ódio cheio de rancor e de juízos precipitados, sucumbiste à inveja. Se cederes à comodidade e à falta de vontade de fazer o bem, isso chama-se preguiça. Se

o pensamento que te ocorre — ou que tu próprio provocas — estiver carregado de presunção e te levar a gloriar-te da tua honra, inteligência, dons recebidos da graça, posição social, talentos ou beleza, e se voluntariamente te comprazes nisso, estás a cair no pecado do orgulho. Se se tratar de um pensamento relacionado com realidades materiais, isto é, bem-estar, posses ou outros bens terrenos que as pessoas se afadigam por adquirir e chamar seus, e se permaneceres nesse pensamento alimentando o desejo, isso é avareza. Se sucumbires ao desejo desordenado de comidas e bebidas requintadas ou de qualquer outro prazer do paladar, o pecado chama-se gula. E, finalmente, o desejo ilícito de prazer carnal ou de carícias e lisonjas alheias chama-se luxúria.

Se os teus pensamentos errantes evocarem algum prazer passado ou presente e te detiveres nele, deixando que crie raízes no teu coração e alimente o teu desejo carnal, corres o perigo de ser vencido pelo deleite da paixão. Então imaginarás que possuis tudo quanto poderias desejar e que esse prazer é capaz de te satisfazer perfeitamente.

3.11 – O homem deve avaliar com precisão os seus pensamentos e inclinações e evitar uma atitude descuidada relativamente ao pecado venial

Não digo isto por reear que tu, ou qualquer outra pessoa de oração, estejais realmente sob o peso da culpa de pecados como estes. A minha intenção é salientar a importância de te aperceberes dos teus pensamentos e desejos assim que surgem, pois deves aprender a rejeitar o mais insignificante deles que te possa conduzir ao pecado. Advirto-te de que uma pessoa que não vigia nem controla os seus pensamentos, ainda que não sejam pecaminosos nos seus primeiros movimentos, acabará por deixar de dar importância aos pecados leves. É impossível evitar todas as faltas e quedas nesta vida, mas a negligência perante pequenos pecados deliberados é intolerável para quem procura verdadeiramente a perfeição. Com efeito, a negligência relativamente aos pecados leves abre normalmente a porta à possibilidade do pecado mortal.

3.12 – Na contemplação, o pecado é destruído e fomenta-se toda a espécie de bem

Portanto, para te manteres firme e evitares as armadilhas, permanece no caminho em que estás. Deixa que o teu desejo incessante golpeie a nuvem do não saber que se interpõe entre ti e o teu Deus. Penetra essa nuvem com o dardo afiado do teu amor, rejeita o pensamento de tudo quanto seja inferior a Deus e não abandones esta obra por coisa alguma. A própria obra contemplativa do amor acabará por te curar de todas as raízes do pecado. Jejua quanto quiseses, permanece em vigília até altas horas da noite, levanta-te antes da aurora, disciplina o teu corpo e, se te fosse permitido — o que não é —, arranca os olhos, corta a língua, tapa os ouvidos e o nariz e prescinde dos membros; sim, castiga o corpo com toda a espécie de disciplina, e ainda assim nada conseguirás. O desejo e a inclinação para o pecado continuariam no teu coração.

Mais ainda: se chorasses continuamente os teus pecados e a Paixão de Cristo e considerasses sem cessar as alegrias do Céu, julgas que isso te faria algum bem? Muito bem, sem dúvida alguma. Tenho a certeza de que tirarias proveito e crescerias na graça, mas, em comparação com o impulso cego do amor, tudo isso é muito pouco. Pois a obra contemplativa do amor é a melhor parte e pertence a Maria. É inteiramente completa em si mesma, ao passo que todas as outras disciplinas e exercícios têm pouco valor sem ela.

A obra do amor não cura apenas as raízes do pecado, mas fomenta também a bondade prática. Quando é autêntica, verás que te tornas sensível a todas as necessidades e que respondes com uma generosidade desprovida de qualquer intenção egoísta.

Tudo o que tentares fazer sem este amor será certamente imperfeito, pois acabará inevitavelmente por ser corrompido por motivos posteriores.

A verdadeira bondade manifesta-se num modo habitual de agir bem e de responder adequadamente a cada situação, tal como ela se apresenta; é sempre movida pelo desejo de agradar a Deus. Só Ele é a fonte pura de todo o bem e, se alguém for movido por outra coisa além de Deus, ainda que Deus ocupe o primeiro lugar, a sua virtude será imperfeita. Isto é particularmente evidente em duas virtudes: a humildade e o amor fraterno. Quem adquire estes hábitos e estas atitudes não necessita de outros, pois neles possuirá todos os restantes.

3.13 – Da natureza da humildade; quando é perfeita e quando é imperfeita

Consideremos, portanto, a virtude da humildade, para que possas compreender por que razão é perfeita quando só Deus é a sua fonte e por que razão é imperfeita quando nasce de outra origem, ainda que Deus possa ser a principal. Procurarei explicar primeiro o que é a humildade em si mesma, e depois será mais fácil compreender a diferença.

Um homem é humilde quando permanece na verdade, com conhecimento e justa apreciação de si mesmo tal como é. Com efeito, quem se vê e se experimenta tal como real e verdadeiramente é não terá qualquer dificuldade em ser humilde, pois duas coisas lhe aparecerão com grande clareza.

Em primeiro lugar, verá claramente a degradação, a miséria e a fraqueza da condição humana, fruto do pecado original. Destes efeitos do pecado original, o homem nunca ficará totalmente livre nesta vida, por mais santo que venha a tornar-se.

Em segundo lugar, terá de reconhecer a bondade transcendente de Deus tal como Ele é em Si mesmo e no seu amor transbordante e superabundante para com o homem. Diante de tão grande bondade e amor, a natureza estremece, os sábios gaguejam como loucos e os anjos e os santos ficam cegos pela sua glória. Tão esmagadora é a revelação da natureza de Deus que, se o seu poder não os sustentasse, não me atrevo a imaginar o que aconteceria.

À humildade gerada por este conhecimento experimental da bondade e do amor de Deus chamo perfeita, porque é uma atitude que o homem conservará até na eternidade. Mas considero imperfeita a humildade que nasce de uma compreensão realista da condição humana, porque não só desaparecerá na morte juntamente com a sua causa, como também, nesta mesma vida, nem sempre estará ativa. Com efeito, algumas pessoas muito avançadas na vida contemplativa podem receber de Deus uma graça tal que, de repente, se sintam completamente fora de si mesmas, sem pensarem nem se preocuparem em saber se são santas ou pecadoras. Os contemplativos já

adiantados podem experimentar isto com maior ou menor frequência, segundo a sabedoria de Deus, mas, em qualquer caso, no meu entender, trata-se de um fenómeno passageiro. Durante esse tempo, porém, embora possam perder todo o interesse ou preocupação pelos seus pecados ou virtudes, não perdem o sentido do imenso amor e bondade de Deus e, por isso, possuem humildade perfeita. Pelo contrário, se o primeiro motivo continua ativo, ainda que de modo secundário, possuem apenas humildade imperfeita.

Não estou, contudo, a sugerir que se abandone o primeiro motivo. Deus me livre de que me interpretes mal, pois estou convencido de que ambos são proveitosos e necessários nesta vida.

3.14 – Nesta vida, a humildade imperfeita deve preceder a perfeita

Quando falo de humildade imperfeita, não o faço porque atribua pouca importância ao verdadeiro conhecimento de si mesmo. Ainda que se reunissem todos os anjos e santos do Céu com todos os membros da Igreja na terra, colocados em todos os graus da santidade cristã, e rogassem pelo meu crescimento na humildade, estou certo de que isso não me aproveitaria tanto nem me conduziria tão rapidamente à perfeição desta virtude como um pouco de verdadeiro conhecimento de mim mesmo. Com efeito, é impossível alcançar a humildade perfeita sem ele.

Por isso, não fujas do suor e da fadiga exigidos pela aquisição de um verdadeiro conhecimento de ti mesmo, pois estou certo de que, quando o tiveres alcançado, chegarás muito depressa ao conhecimento experimental da bondade e do amor de Deus. Não a um conhecimento completo, naturalmente, porque isso não é possível ao homem; nem sequer tão completo como aquele que possuirás na alegria da eternidade, mas tão completo quanto é possível ao homem nesta vida.

O meu propósito ao explicar os dois tipos de humildade não é levar-te a procurar a perfeita desprezando a imperfeita. Não, e confio em que nunca o farás. A minha intenção é simplesmente ajudar-te a compreender a excelsa dignidade da obra contemplativa do amor, em comparação com qualquer outra possível com o auxílio da graça. Pois o amor secreto de um coração

puro, que avança sobre essa nuvem obscura do não saber situada entre ti e o teu Deus, de modo oculto mas seguro, contém em si mesmo a humildade perfeita, sem necessidade de ideias concretas ou claras. Queria também que compreendesses a excelência da humildade perfeita, para a manteres diante do coração como estímulo para o teu amor.

Isto é importante para nós dois. Finalmente, esforcei-me por explicar tudo isto porque creio que um conhecimento pleno da humildade perfeita, só por si, te tornará mais humilde. Penso muitas vezes que a ignorância acerca destes dois graus de humildade provoca uma boa dose de orgulho. É muito possível que um pequeno gosto daquilo a que chamei humildade imperfeita te leve a pensar que já és perfeitamente humilde. Estarias a enganar-te e, pior ainda, terias caído no lodo fétido da presunção. Esforça-te, pois, por alcançar esta virtude em toda a sua perfeição. Quando uma pessoa a experimenta, não pecará nesse momento nem durante muito tempo.

3.15 – Prova de que estão enganados os que pensam que o motivo mais perfeito da humildade é a compreensão da baixeza do homem

Acredita em mim quando te digo que existe uma humildade perfeita e que, com a graça de Deus, ela pode ser tua nesta vida. Insisto neste ponto porque alguns ensinam erradamente que não existe humildade maior do que aquela que nasce do pensamento da miserável condição humana e da recordação da vida pecadora do passado.

Reconheço de bom grado que, para aqueles que estão habituados ao pecado — como eu próprio estive —, isto é muito verdadeiro. E, enquanto a grande ferrugem do pecado mortal não for removida no sacramento da Penitência, nada é mais necessário e valioso para aprender a humildade do que o pensamento do nosso miserável estado e dos nossos pecados passados. Mas esta atitude não se aplica do mesmo modo àqueles que nunca pecaram gravemente, com pleno conhecimento e consentimento. São como crianças inocentes que só caíram por fragilidade e ignorância. Contudo, também esses inocentes, sobretudo se estão iniciados no caminho da oração contemplativa, têm motivos para ser humildes. Também nós, depois de termos dado satisfação adequada e de nos termos arrependido dos nossos

pecados na confissão, e tendo sido atraídos pela graça à oração contemplativa, temos motivos para ser humildes.

Algo que ultrapassa muito o motivo imperfeito anteriormente mencionado conservar-nos-á humildes. Pois a bondade e o amor de Deus são uma razão tão superior ao conhecimento de nós mesmos como a vida de Nossa Senhora está acima da vida do penitente mais pecador da santa Igreja; ou como a vida de Cristo está acima da de qualquer outro ser humano; ou como a vida de um anjo, que não pode experimentar a fragilidade humana, está acima da vida do homem mais fraco da terra.

Se não existisse outro motivo para a humildade além da pobreza da condição humana, perguntar-me-ia por que razão deveriam ser humildes aqueles que nunca experimentaram a corrupção do pecado. Pois, com toda a certeza, Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora, os santos e os anjos do Céu estão para sempre livres do pecado e dos seus efeitos. Contudo, o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo chama-nos à perfeição de todas as virtudes no Evangelho, quando diz que devemos ser perfeitos pela graça como Ele o é por natureza. E, portanto, este chamamento deve incluir também a virtude da humildade.

3.16 – Um pecador verdadeiramente convertido e chamado à contemplação alcança mais rapidamente a perfeição por meio da contemplação; este é o caminho mais seguro para obter de Deus o perdão do pecado

Não importa que o homem tenha pecado muito, pois pode arrepender-se e emendar a vida. E, se sentir que a graça de Deus o atrai para a vida contemplativa — depois de ter seguido fielmente a orientação do seu pai e conselheiro espiritual —, ninguém se atreva a chamá-lo presunçoso por querer alcançar Deus na obscuridade dessa nuvem do não saber, com o humilde desejo do seu amor. Não disse Nosso Senhor a Maria, que representa todos os pecadores arrependidos chamados à contemplação: «Os teus pecados estão perdoados»? Julgas que o disse apenas porque ela se recordava constantemente dos pecados passados? Ou por causa da humildade que sentia ao contemplar a sua miséria? Ou porque a sua dor era grande? Não. Foi porque «amou muito».

Grava bem isto. Pois aqui podes ver quão poderoso é, com a ajuda de Deus, esse amor contemplativo secreto. É mais poderoso, asseguro-te, do que qualquer outra coisa. Contudo, ao mesmo tempo, Maria estava cheia de remorso, chorava abundantemente os seus pecados passados e sentia-se profundamente humilhada ao pensar na própria baixeza. Do mesmo modo, nós, que fomos tão miseráveis e pecadores habituais durante toda a vida, devemos lamentar o passado e sentir-nos completamente humilhados ao recordar o nosso infeliz estado.

Mas como? Sem dúvida, o caminho de Maria é o melhor. Certamente, nunca deixou de sentir uma dor constante pelos seus pecados e, durante toda a vida, levou-os como um grande peso secreto no coração. Contudo, a Escritura testemunha que a sua dor mais profunda não procedia tanto das suas más ações como da sua falta de amor. Sim, e por isso desfalecia num desejo e numa tristeza atravessados pela dor, que quase a levavam ao desfalecimento da morte, pois, embora o seu amor fosse muito grande, a ela parecia-lhe muito pequeno. Não deves admirar-te disto.

É assim com todos os verdadeiros amantes. Quanto mais amam, mais desejam amar. No coração, ela sabia com absoluta certeza que era a mais miserável de todos os pecadores. Compreendia que as suas más ações a tinham separado do Deus que tanto amava e, por isso mesmo, desfalecia agora, enferma por causa da sua falta de amor. E que fez ela? Julgas que desceu então das alturas do seu grande desejo até ao fundo da sua vida pecadora, mergulhando nesse lodo fétido e no lamaçal dos seus pecados, examinando-os um a um nos seus mais pequenos pormenores, a fim de medir mais eficazmente a sua dor e as suas lágrimas? Certamente que não. Porquê? Porque o próprio Deus, nas profundezas do seu espírito, lhe ensinou pela graça a inutilidade dessa atitude. Só com as lágrimas, poderia ter despertado mais depressa para novos pecados do que alcançado um perdão seguro do passado.

Por isso, dirigiu imediatamente o seu amor e o seu desejo para essa nuvem do não saber e aprendeu a amá-Lo sem O ver à clara luz da razão nem sentir a sua presença no prazer sensível da devoção. Estava tão absorta no amor que frequentemente se esquecia de saber se tinha sido pecadora ou inocente. Sim, penso que se enamorou tanto da divindade do Senhor que

quase não se apercebia da beleza da sua presença humana quando Ele estava sentado junto dela, falando e ensinando. Pelo relato evangélico, dir-se-ia que chegou a esquecer tudo, tanto o material como o espiritual.

3.17 – Um verdadeiro contemplativo não deve envolver-se na vida ativa nem preocupar-se com aquilo que acontece à sua volta, nem sequer defender-se dos que o criticam

No Evangelho de São Lucas lemos que Nosso Senhor entrou em casa de Marta e, enquanto ela começou imediatamente a preparar-Lhe a refeição, a sua irmã Maria não fez outra coisa senão permanecer sentada a seus pés. Estava tão absorta a escutá-Lo que não prestava atenção ao que Marta fazia.

As tarefas de Marta eram certamente santas e importantes. Com efeito, são as obras do primeiro grau da vida ativa. Mas Maria não lhes atribuiu importância. Nem sequer prestava atenção ao aspeto humano de Nosso Senhor, à beleza do seu corpo mortal ou à doçura da sua voz e da sua conversação humanas, embora esta pudesse ter sido uma obra mais santa e melhor. Ela representa o segundo grau da vida ativa e o primeiro da vida contemplativa. Maria, porém, esqueceu tudo isso e ficou inteiramente absorta na altíssima sabedoria de Deus, oculta na obscuridade da sua humanidade.

Maria voltou-se para Jesus com todo o amor do coração, permanecendo imóvel perante aquilo que via ou ouvia dizer e fazer à sua volta. Sentou-se numa calma perfeita, com o amor jubiloso e secreto do coração lançado para essa nuvem do não saber situada entre ela e o seu Deus. Pois, como já disse, nunca existiu nem existirá criatura tão pura ou tão profundamente mergulhada na contemplação amorosa de Deus que, nesta vida, não se aproxime d'Ele através dessa suave e maravilhosa nuvem do não saber. E foi precisamente para essa nuvem que Maria dirigiu o desejo oculto do seu coração enamorado. Porquê? Porque é a parte melhor e mais santa da vida contemplativa que o homem pode alcançar, e ela não a teria trocado por coisa alguma deste mundo. Mesmo quando Marta se queixou a Jesus, censurando-O por não ordenar a Maria que se levantasse e a ajudasse na tarefa, Maria permaneceu ali muito quieta e imperturbável, sem mostrar o menor ressentimento contra Marta pela sua repreensão. Na verdade, isto

não deve surpreender-nos, pois estava inteiramente absorta noutra atividade, completamente desconhecida de Marta, e não dispunha de tempo para a explicar à irmã nem para se defender.

Não vês, meu amigo, que todo este episódio acerca de Jesus e das duas irmãs constitui uma lição para as pessoas ativas e contemplativas da Igreja de todos os tempos? Maria representa a vida contemplativa, e todos os contemplativos deveriam modelar a sua vida pela dela. Marta representa a vida ativa, e todas as pessoas ativas deveriam tomá-la como guia.

3.18 – Como, ainda hoje, as pessoas ativas criticam as contemplativas por ignorância, tal como Marta criticou Maria

Assim como Marta se queixou de Maria, também em todos os tempos as pessoas ativas se têm queixado das contemplativas. Acontece muitas vezes que a graça da contemplação surge em pessoas de todos os estados e condições de vida, tanto religiosas como leigas. Mas, quando, depois de examinarem profundamente a própria consciência e procurarem um conselho seguro, decidem consagrar-se inteiramente à contemplação, a família e os amigos desencadeiam contra elas uma furiosa tempestade de críticas, acusando-as severamente de preguiça. Essas pessoas desenterram toda a espécie de histórias terríveis, verdadeiras ou falsas, acerca daqueles que abraçaram esta forma de vida e acabaram em graves desgraças. Com toda a certeza, nada de bom têm para contar.

É verdade que muitos que aparentemente tinham abandonado as vaidades mundanas seguiram depois maus caminhos. Este perigo existe sempre. Essas pessoas, que deveriam ter entrado ao serviço de Deus como seus contemplativos, acabaram escravas do demónio e contemplativas do diabo, porque se recusaram a escutar o conselho de verdadeiros guias espirituais. Tornaram-se hipócritas ou hereges e caíram em delírios e noutras perversões que as levaram a difamar a santa Igreja. Hesito em prosseguir agora acerca deste assunto, receando obscurecer o nosso tema. Mais adiante, porém, se Deus quiser e se considerar necessário, explicar-te-ei algumas das causas e circunstâncias da sua queda. Deixemos por agora este assunto e prossigamos o nosso argumento.

3.19 – Breve defesa do autor, na qual ensina que os contemplativos devem desculpar as pessoas ativas que se queixam deles

Talvez penses que insultei Marta, uma das amigas especiais de Deus, ao compará-la com as pessoas mundanas que criticam os contemplativos, ou ao compará-las com ela. Na realidade, não quis ofender ninguém. Deus não permita que eu diga neste livro alguma coisa que condene qualquer amigo de Deus, seja qual for o grau de santidade em que se encontre, nem sequer um só dos seus santos. Creio sinceramente que devemos desculpar Marta pela sua queixa, tendo em conta o momento e as circunstâncias do episódio. Naquela altura, ela não compreendia o que Maria estava a fazer. Isso também não deve surpreender-nos, pois duvido que alguma vez tivesse ouvido falar da possibilidade de uma perfeição semelhante. Além disso, foi delicada e breve na sua queixa e, por isso, creio que deve ser inteiramente desculpada.

Penso igualmente que os críticos de mentalidade mundana que censuram os contemplativos também devem ser perdoados por causa da sua ignorância, embora por vezes sejam igualmente imprudentes. Assim como Marta não sabia o que dizia quando se queixava ao Senhor, também essas pessoas pouco ou nada compreendem da vida contemplativa. Exaspera-as o ardor dos jovens que procuram Deus. Não conseguem compreender como esses jovens podem abandonar a carreira e as oportunidades que se lhes oferecem e dispor-se, com simplicidade e sinceridade de coração, a tornar-se amigos de Deus. Estou certo de que, se tudo isto fizesse algum sentido para elas, não se comportariam desse modo. Por isso, creio que devemos desculpá-las. Só experimentaram uma forma de vida — a sua — e não conseguem imaginar outra. Por outro lado, quando recorro aos caminhos em que falhei por ignorância, penso que devo tratar os outros com uma tolerância bondosa. Caso contrário, não os trataria como desejo que me tratem.

3.20 – Deus todo-poderoso defenderá espiritualmente todos aqueles que, por seu amor, não abandonarem a contemplação para se defenderem a si mesmos

Penso que aqueles que se esforçam por ser contemplativos não só deveriam perdoar a todos os que se queixam deles, mas deveriam estar tão ocupados na própria obra que nem sequer reparassem no que se diz ou faz à sua volta. Foi isso que Maria Madalena fez e, por isso, é o nosso modelo. Se seguirmos o seu exemplo, Jesus fará certamente por nós aquilo que fez por ela.

E que fez Ele? Recordarás que Marta insistiu com Jesus para que repreendesse Maria, mandando-a levantar-se e ajudá-la no trabalho. Mas Nosso Senhor Jesus Cristo, que discernia os pensamentos secretos de todos os corações, compreendeu perfeitamente que Maria estava mergulhada numa contemplação amorosa da sua divindade e, por isso, tomou a sua defesa.

Com a delicadeza cortês própria da sua bondade, respondeu em nome dela, porque o amor de Maria por Ele não lhe permitia afastar-se o tempo suficiente para responder por si mesma. E que lhe disse? Marta tinha apelado para Ele como juiz, mas Ele respondeu-lhe mais do que como juiz. Falou como defensor de Maria, porque ela O amava profundamente. «Marta, Marta», disse-lhe. Chamou-a duas vezes pelo nome, para Se certificar de que O escutava, e fez uma pausa suficiente para que ela prestasse atenção ao que lhe ia dizer: «Andas ocupada e perturbada com muitas coisas.» Isto mostra que as pessoas ativas estão sempre ocupadas e preocupadas com inúmeros assuntos, primeiro relacionados consigo mesmas e depois com os seus irmãos cristãos, conforme o amor exige. Queria que Marta compreendesse que a sua obra era importante e valiosa para o seu crescimento espiritual. Acrescentou, porém, para que ela não concluísse que se tratava da melhor obra possível: «Uma só coisa é necessária.» E que julgas que é essa única coisa? Referia-Se, sem dúvida, à obra do amor e do louvor de Deus por Si mesmo. Não existe obra maior. Queria, por fim, que Marta compreendesse que não é possível dedicar-se inteiramente a esta obra e, ao mesmo tempo, à ação. As preocupações quotidianas e a vida contemplativa não podem combinar-se adequadamente, embora possam unir-se de modo imperfeito. Para esclarecer isto, acrescentou: «Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.» Pois a obra do amor perfeito que começa aqui na terra é a mesma que o amor que constitui a vida eterna: são uma só realidade.

3.21 – Verdadeira explicação da passagem evangélica: «Maria escolheu a melhor parte»

«Maria escolheu a melhor parte.» Que significa isto? Sempre que falamos daquilo que é melhor, pressupomos algo bom e algo ainda melhor. O melhor é o grau superlativo. Quais são, então, as opções entre as quais Maria escolheu a melhor? Não existem três formas de vida, pois a santa Igreja fala apenas de duas: a ativa e a contemplativa. Não. O significado mais profundo do relato evangélico de São Lucas que acabámos de considerar é que Marta representa a vida ativa e Maria a contemplativa, sendo a primeira absolutamente necessária para a salvação. Por isso, quando a escolha se faz apenas entre duas opções, uma delas não pode ser chamada a melhor.

Contudo, embora a vida ativa e a contemplativa sejam duas formas de vida dentro da santa Igreja, consideradas em conjunto contêm três partes, três graus ascendentes. Já falámos deles, mas resumi-los-ei aqui brevemente. O primeiro grau ou degrau é a vida cristã boa e reta, na qual o amor se manifesta predominantemente de forma ativa nas obras corporais de misericórdia. No segundo, a pessoa começa a meditar nas verdades espirituais relativas aos próprios pecados, à Paixão de Cristo e às alegrias da eternidade. A primeira forma de vida é boa, mas a segunda é melhor, pois aqui a vida ativa e a contemplativa começam a convergir. Misturam-se numa espécie de parentesco, tornando-se irmãs, como Marta e Maria. Isto acontece de tal modo que uma pessoa ativa não pode avançar na contemplação, exceto por intervenções ocasionais de uma graça especial. E um contemplativo pode regressar até meio do caminho — mas não mais longe — para se dedicar a alguma atividade. Contudo, não o deveria fazer, salvo em raras ocasiões e quando uma grande necessidade o exigisse.

No terceiro grau ou degrau, a pessoa entra na nuvem obscura do não saber, onde, em segredo e a sós, concentra todo o seu amor em Deus. O primeiro grau é bom; o segundo, melhor; mas o terceiro é o melhor. Esta é a melhor parte que corresponde a Maria. Torna-se agora claro por que razão Nosso Senhor não disse a Marta: «Maria escolheu a vida melhor.» Existem apenas dois modos de vida e, como disse, quando a escolha é apenas entre

dois, um deles não pode ser chamado o melhor. Mas Nosso Senhor diz: «Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.»

As duas primeiras partes são boas e santas, mas desaparecerão com o fim desta vida mortal. Pois, na eternidade, não haverá necessidade das obras de misericórdia como existe agora. As pessoas não terão fome nem sede, nem morrerão de frio ou de doença, nem ficarão sem abrigo ou cativas. Ninguém necessitará de sepultura cristã, pois ninguém morrerá. No Céu, já não será necessário lamentar os nossos pecados nem a Paixão de Cristo. Por isso, se a graça te chama a escolher a terceira parte, escolhe-a com Maria. Ou melhor, deixa-me mostrar-te o caminho. Se Deus te chama à terceira parte, procura alcançá-la; trabalha por consegui-la com todo o coração. Nunca te será tirada, pois não terá fim. Embora comece na terra, é eterna.

Responderei com as palavras do Senhor às pessoas ativas que se queixam de nós. Que Ele fale por nós, como fez por Maria, quando disse: «Marta, Marta.» Diz-lhes: «Escutai, todos vós que viveis a vida ativa: sede diligentes nas obras da primeira e da segunda parte, trabalhando ora numa, ora noutra. E, se vos sentirdes inclinados, empreendei corajosamente ambas. Mas não perturbeis os meus amigos contemplativos, pois não compreendeis aquilo que os aflige. Não os censureis pela inatividade da terceira e melhor parte, que pertence a Maria.»

3.22 – Do maravilhoso amor que Cristo teve por Maria Madalena, que representa todos os pecadores verdadeiramente arrependidos e chamados à contemplação

Doce era o amor entre Maria e Jesus. Como ela O amava! E quanto mais Ele a amava! Não tomes o relato evangélico levemente, como se fosse uma história superficial. Ele descreve com toda a verdade a relação entre ambos. Ao lê-lo, quem não vê que ela O amava intensamente, sem reservar para si parte alguma do seu amor e rejeitando, em troca, todo o conforto que não fosse o do seu amor? É a mesma Maria que O procurou, chorando diante do túmulo, naquela primeira manhã de Páscoa. Os anjos falaram-lhe então suavemente: «Não chores, Maria», disseram-lhe. «Pois o Senhor que procuras ressuscitou, como tinha dito. Vai à vossa frente para a Galileia. Ali O vereis com os seus discípulos, como vos prometeu.» Mas

nem os próprios anjos foram capazes de a tranquilizar ou de deter as suas lágrimas. Dificilmente poderiam os anjos consolar aquela que saíra ao encontro do Rei dos anjos.

Deverei continuar? Sem dúvida, quem estudar a Escritura encontrará nela muitos exemplos do amor total de Maria por Cristo, registados para nosso proveito. Eles confirmarão aquilo que tenho vindo a dizer. Na verdade, poderia pensar-se que foram escritos especialmente para os contemplativos. E assim foram, para todo aquele que possua discernimento suficiente para o compreender.

Quem reconhecer, no belo e pessoal amor de Nosso Senhor por Maria Madalena, o amor maravilhoso e incomparável que Ele tem por todos os pecadores arrependidos e sinceramente dedicados à contemplação, compreenderá por que razão não pôde tolerar que alguém — nem sequer a própria irmã — falasse contra ela sem Ele mesmo sair em sua defesa. Sim, e fez ainda mais. Pois, noutra ocasião, repreendeu o seu anfitrião, Simão, o Leproso, na própria casa dele, pelo simples facto de ter pensado mal dela. Grande era, na verdade, o seu amor; certamente não foi superado.

3.23 – No caminho espiritual, Deus responderá por todos aqueles que não abandonam a contemplação para se defenderem e cuidará deles

Asseguro-te de que, com a graça de Deus e um conselho digno de confiança, nos esforçarmos com toda a alma por modelar o nosso amor e a nossa vida à imagem dos de Maria Madalena, Nosso Senhor defender-nos-á como a defendeu a ela. Todo aquele que pensar ou falar contra nós sentirá a repreensão do Senhor no segredo da sua consciência. Isto não significa que nada teremos de suportar.

Teremos de sofrer muito, como Maria. Mas afirmo que, se não prestarmos atenção a isso e prosseguirmos pacificamente a nossa obra contemplativa apesar das críticas, como ela fez, Nosso Senhor repreenderá aqueles que nos ferem no mais profundo dos seus corações. Se forem pessoas sinceras e abertas, não tardarão muitos dias a sentir vergonha dos seus pensamentos e palavras.

E, assim como Ele virá espiritualmente em nosso auxílio, também inspirará outros a proporcionar-nos alimento e vestuário e satisfará as necessidades da vida, quando vir que não abandonamos a obra do amor para cuidarmos pessoalmente dessas coisas. Digo isto especialmente para refutar aqueles que sustentam erradamente que ninguém pode dedicar-se à vida contemplativa sem ter primeiro assegurado todas as suas necessidades materiais. Dizem: «Deus manda a vaca, mas não a traz pelos chifres.» Mas interpretam falsamente Deus, e sabem-no. Pois Deus nunca desilude aqueles que verdadeiramente abandonam os interesses mundanos para se dedicarem a Ele. Podes ter a certeza disto: Ele concederá uma de duas coisas aos seus amigos. Ou receberão abundantemente tudo quanto necessitam, ou Ele lhes dará resistência física e um coração paciente para suportarem a necessidade. Que importa que faça uma coisa ou outra? Para o verdadeiro contemplativo, é indiferente. Quem põe isto em dúvida demonstra que o maligno lhe roubou a fé do coração ou que ainda não se entregou inteiramente a Deus como deveria, apesar de todas as aparências engenhosas e cuidadosamente construídas em contrário.

Repito mais uma vez a todo aquele que deseja ser um verdadeiro contemplativo como Maria: deixa que seja a maravilhosa transcendência e bondade de Deus a ensinar-te a humildade, mais do que o pensamento dos teus próprios pecados, pois então a tua humildade será perfeita. Presta mais atenção à soberania absoluta de Deus do que à tua própria miséria. E lembra-te de que aqueles que são perfeitamente humildes não sentirão falta de coisa alguma de que necessitem, seja na ordem espiritual, seja na material. Deus pertence-lhes e é tudo para eles. Quem possui Deus, como este livro testemunha, não necessita de mais nada nesta vida.

3.24 – O que é a caridade em si mesma e como está contida, de modo subtil e perfeito, no amor contemplativo

Vimos que a humildade perfeita é parte integrante do amor puro e cego do contemplativo. Sendo todo ele um impulso para Deus, este amor simples golpeia incessantemente a nuvem obscura do não saber, deixando todo o pensamento discursivo sob a nuvem do esquecimento. E, assim como o amor contemplativo fomenta a humildade perfeita, também gera a bondade prática, especialmente a caridade. Pois, na verdadeira caridade, a pessoa

ama Deus por Si mesmo, acima de tudo o que foi criado, e ama o seu irmão porque esta é a lei de Deus. Na obra contemplativa, Deus é amado acima de toda a criatura, pura e simplesmente por Si mesmo. Na realidade, o verdadeiro segredo desta obra não é outra coisa senão um impulso puro para Deus, por Ele ser quem é.

Chamo-lhe impulso puro porque é totalmente desinteressado. Nesta obra, o perfeito artífice não procura o próprio proveito nem libertar-se do sofrimento. Deseja apenas Deus, e somente Ele. Está tão fascinado pelo Deus que ama e tão preocupado em que se cumpra a sua vontade na terra que nem sequer repara nem se preocupa com o próprio conforto ou inquietação. E isto porque, no meu entender, nesta obra Deus é verdadeiramente amado de modo perfeito e por ser quem é. Pois o verdadeiro contemplativo não deve partilhar com qualquer outra criatura o amor que deve a Deus.

Além disso, na contemplação cumpre-se plenamente o segundo mandamento da caridade. Os frutos da contemplação testemunham-no, ainda que, durante o tempo propriamente dito da oração, o contemplativo experimentado não dirija a sua atenção para nenhuma pessoa em particular, seja irmão ou estranho, amigo ou inimigo. Na realidade, nenhum homem lhe é estranho, porque considera cada um como irmão. E ninguém é seu inimigo. Todos são seus amigos. Até aqueles que o ferem ou ofendem na vida quotidiana lhe são tão queridos como os seus melhores amigos, e deseja-lhes todo o bem que deseja aos seus melhores amigos.

3.25 – Durante a oração contemplativa, o contemplativo perfeito não concentra a sua atenção em nenhuma pessoa em particular

Já expliquei que, durante esta atividade, o verdadeiro contemplativo não se detém no pensamento de nenhuma pessoa em particular, seja amigo, inimigo, estranho ou familiar. Pois todo aquele que deseja alcançar a perfeição nesta obra deve esquecer tudo, exceto Deus.

Contudo, por meio da contemplação, vai crescendo no amor e na bondade prática, de modo que, quando fala ou reza com os seus irmãos cristãos noutros momentos, o calor do seu amor alcança-os também, sejam

amigos, inimigos, estranhos ou familiares. Se houver alguma preferência, é mais provável que seja pelo inimigo do que pelo amigo. Não é que abandone alguma vez totalmente a contemplação — isso não poderia acontecer sem grave pecado —, mas, por vezes, a caridade exigir-lhe-á que desça das alturas da sua obra para fazer alguma coisa em favor dos seus semelhantes.

Mas, na própria atividade contemplativa, não distingue entre amigo e inimigo, irmão ou estranho. Com isto, porém, não quero dizer que deva deixar de sentir uma afeição espontânea por algumas pessoas que lhe são especialmente próximas. Senti-la-á naturalmente, e com frequência. Isso é perfeitamente natural e legítimo, por muitas razões que só o amor conhece.

Recorda que o próprio Cristo teve um amor especial por João, Maria e Pedro. O que quero sublinhar é que, durante a atividade contemplativa, todos lhe são igualmente queridos, porque é Deus quem o move a amá-los. Ama todos os homens pura e simplesmente por Deus; e ama-os como se ama a si mesmo.

Todos os homens se perderam pelo pecado de Adão, mas todos aqueles que, de boa vontade, manifestam o desejo de ser salvos serão salvos pela morte redentora de Cristo. Uma pessoa profundamente comprometida na contemplação participa no sofrimento redentor de Cristo, não exatamente como Cristo sofreu, mas de maneira semelhante à de Cristo. Pois, na verdadeira contemplação, a pessoa é uma com Deus em sentido espiritual e faz tudo quanto está ao seu alcance para atrair os outros à contemplação perfeita. Sabes que todo o corpo participa na dor ou no bem-estar sentido por cada um dos seus membros, porque é uma unidade. Em sentido espiritual, todos os cristãos são membros do único corpo de Cristo. Na Cruz, Ele sacrificou-Se a Si mesmo pelo seu corpo, a Igreja. Quem deseja seguir Cristo de modo perfeito deve estar também disposto a entregar-se à obra espiritual do amor para a salvação de todos os seus irmãos e irmãs da família humana.

Repito: não apenas pelos seus amigos, pela família e por aqueles que lhe são mais queridos, mas deve também trabalhar pela salvação de toda a humanidade com uma afeição universal. Pois Cristo morreu para salvar

todo aquele que se arrepende dos seus pecados e procura a misericórdia de Deus.

Vês, portanto, que o amor contemplativo é tão refinado e completo que contém em si mesmo a humildade perfeita e a caridade. Pelas mesmas razões e no mesmo sentido, contém também todas as outras virtudes.

3.26 – Sem uma graça especial ou uma fidelidade prolongada à graça ordinária, a oração contemplativa é muito difícil; esta obra só é possível pela graça, que é obra de Deus

Entrega-te, portanto, à tarefa da contemplação com generosidade sincera. Golpeia esta alta nuvem do não saber e afasta todo o pensamento de descanso. Pois digo-te francamente que todo aquele que deseja ser contemplativo experimentará o sofrimento desta árdua tarefa — a não ser que Deus intervenha com uma graça especial — e sentirá intensamente o preço do esforço constante, até se ter habituado durante muito tempo a esta obra.

Mas diz-me: por que razão haveria de ser tão difícil? Certamente, o amor fervoroso que desperta continuamente na vontade não é doloroso. Não, porque é ação de Deus, fruto do seu poder onnipotente. Além disso, Deus deseja sempre atuar no coração daquele que fez tudo quanto podia para preparar o caminho para a sua graça.

Então, por que razão é esta obra tão fatigante? O trabalho consiste, naturalmente, na luta incessante para expulsar os inúmeros pensamentos que distraem e importunam a mente e mantê-los dominados sob a nuvem do esquecimento de que falei anteriormente. É este o sofrimento. Toda a luta nasce do lado do homem, do esforço que deve fazer para se preparar para a ação de Deus, ação que consiste em suscitar o amor e que só Ele pode realizar. Mas persevera, cumprindo a tua parte, e prometo-te que Deus não te faltará.

Permaneça, pois, fiel a esta obra. Quero ver como progrides. Não vês com quanta paciência o Senhor te ajuda? Envergonha-te! Suporta por algum tempo o peso da disciplina e deprime a dificuldade e a carga diminuirão.

No início sentir-te-ás provado e oprimido, mas isso acontece porque ainda não experimentaste a alegria interior desta obra. À medida que o tempo passar, porém, sentirás por ela um entusiasmo jubiloso, e então parecer-te-á leve e fácil. Sentir-te-ás pouco ou nada constrangido, pois, por vezes, Deus atuará por Si mesmo no teu espírito. Não o fará sempre nem durante muito tempo, mas conforme Lhe parecer melhor. Quando te fizer experimentar alegria e felicidade, deixa-O agir como quiser.

Então talvez te toque com um raio da sua luz divina, que atravessará a nuvem do não saber situada entre Ele e ti. Permitir-te-á entrever algo dos segredos inefáveis da sua sabedoria divina, e a tua afeição parecerá arder no seu amor. Não sei dizer mais, porque a experiência ultrapassa em muito as palavras. Ainda que quisesse dizer mais, não conseguiria fazê-lo agora. Receio não poder descrever a graça de Deus com a minha língua rude e desajeitada. Numa palavra, ainda que o tentasse, não o conseguiria.

Mas, quando a graça surge no espírito de um homem, ele deve fazer a sua parte para lhe corresponder, e é disso que quero agora falar contigo. Há menos perigo em falar disto.

3.27 – Quem deve dedicar-se à obra da contemplação

Antes de mais, quero esclarecer quem deve empreender a obra contemplativa, quando é oportuno fazê-lo e de que modo deve proceder a pessoa chamada a esta tarefa. Quero também dar-te alguns critérios para o discernimento nesta obra.

Se me perguntares quem deve empreender a contemplação, responder-te-ei: todos aqueles que sinceramente se afastaram do mundo e deixaram de lado as preocupações da vida ativa. Essas pessoas, ainda que durante algum tempo tenham sido pecadoras habituais, devem entregar-se a cultivar a graça da oração contemplativa.

3.28 – O homem não deve atrever-se a iniciar a contemplação antes de ter purificado a sua consciência de todo o pecado particular, segundo a lei da Igreja

Se me perguntares quando deve uma pessoa começar a obra da contemplação, responder-te-ei: não antes de ter purificado a sua consciência de todos os pecados particulares no sacramento da Penitência, conforme prescreve a Igreja.

Depois da Confissão continuará a existir no seu coração a raiz e o terreno de onde brota o mal, apesar de todos os seus esforços; mas a obra do amor há de curá-los de modo seguro e completo. Por isso, deve primeiro purificar a sua consciência na Confissão. Mas, depois de ter cumprido o que a Igreja prescreve, deve iniciar sem receio a obra contemplativa, embora com humildade, reconhecendo que chegou tarde a ela. Pois até aqueles que não têm consciência de pecado grave deveriam consagrar toda a vida a esta obra, uma vez que, enquanto permanecermos nestes corpos mortais, experimentaremos a impenetrável obscuridade da nuvem do não saber que se interpõe entre Deus e nós. Além disso, por causa do pecado original, sofreremos sempre o peso dos nossos pensamentos errantes, que procurarão afastar a nossa atenção total de Deus.

Este é precisamente o castigo do pecado original. Antes de pecar, o homem era senhor e dominava todas as criaturas; mas sucumbiu à sugestão perversa dessas mesmas criaturas e desobedeceu a Deus. E agora, quando deseja obedecer a Deus, sente o entrave das coisas criadas. Elas assediam-no como pragas insolentes, à medida que procura aproximar-se de Deus.

3.29 – O homem deve perseverar pacientemente na obra da contemplação, suportando alegremente os seus sofrimentos e sem julgar ninguém

Quem deseja recuperar a pureza do coração perdida pelo pecado e alcançar aquela integridade interior que está acima de todo o sofrimento deve perseverar pacientemente na atividade contemplativa e manter-se firme na tarefa, tenha sido ou não um pecador habitual. Pecadores e

inocentes sofrerão nesta obra, embora, evidentemente, os pecadores sintam esse sofrimento de forma mais intensa. Acontece, porém, muitas vezes que aqueles que foram grandes e habituais pecadores chegam mais depressa à perfeição desta obra do que outros que nunca cometeram pecado grave. Deus é verdadeiramente admirável ao derramar a sua graça sobre aqueles que escolhe; e o mundo fica estupefacto e confundido perante um amor como este.

E creio que o dia do Juízo Final será verdadeiramente glorioso, porque então a bondade de Deus resplandecerá claramente em todos os seus dons de graça. Alguns dos que agora são desprezados e considerados sem valor — e que talvez tenham sido pecadores inveterados — reinarão nesse dia gloriosamente com os seus santos. E talvez alguns dos que nunca pecaram gravemente e que, aos olhos dos outros, parecem pessoas piedosas, veneradas como boas, se encontrem então na miséria entre os condenados.

O que quero sublinhar é que, nesta vida, ninguém pode julgar outro homem como bom ou mau apenas pelas suas obras. As obras, em si mesmas, são outra questão. Podemos julgá-las boas ou más, mas não podemos julgar a pessoa.

3.30 – Quem tem o direito de julgar e censurar as faltas dos outros

Naturalmente, quem possui autoridade e responsabilidade pelo bem espiritual dos outros pode, com todo o direito, censurar as obras dos homens. Um homem pode receber oficialmente esse poder por decreto e ordenação da Igreja, ou pode acontecer que o Espírito Santo inspire uma pessoa em particular, solidamente fundada na caridade, a assumir esse encargo.

Mas que cada um tenha muito cuidado em não arrogar para si o dever de censurar as faltas dos outros, porque se expõe a um grande erro. Outra questão é quando, na contemplação, um homem é realmente inspirado a falar.

Por isso, advirto-te a pensar duas vezes antes de emitir um juízo sobre a vida dos outros. Na intimidade da tua própria consciência, julga-te a ti

mesmo tal como te vês diante de Deus ou diante do teu pai espiritual, mas não te intrometas na vida alheia.

3.31 – Como devem comportar-se os principiantes na contemplação em relação aos seus pensamentos e às inclinações para o pecado

Quando julgares que fizeste tudo o que estava ao teu alcance para emendar a tua vida de acordo com as leis da Igreja, entrega-te apaixonadamente à atividade contemplativa. E, se a recordação dos teus pecados passados ou a tentação de cometer novos pecados rondar a tua mente, tornando-se um obstáculo entre ti e o teu Deus, esmaga esses pensamentos sob os teus pés e passa decididamente por cima deles. Procura sepultar a lembrança dessas ações sob a espessa nuvem do esquecimento, como se nem tu nem qualquer outra pessoa as tivesse jamais cometido. Numa palavra: assim que esses pensamentos surgirem, debes rejeitá-los.

Se chegares a sentir-te profundamente fatigado, talvez comeces a procurar técnicas, métodos ou subtilezas secretas das ciências ocultas que te ajudem a dominá-los. Mas acredita em mim: a melhor maneira de aprender a governar os pensamentos é recebê-la de Deus, através da experiência, mais do que de qualquer homem nesta vida.

3.32 – Dois recursos espirituais que podem ser úteis aos principiantes na contemplação

Falar-te-ei também um pouco de duas técnicas para dominar as distrações. Experimenta-as e aperfeiçoa-as, se puderes.

Quando te sentires incomodado por pensamentos inoportunos, procura não prestar atenção à sua presença nem à maneira como se introduziram entre ti e o teu Deus. Olha para além deles — por cima dos seus ombros, por assim dizer —, como se estivesses a contemplar algo diferente, como de facto acontece. Pois, para além deles, Deus está oculto na nuvem obscura do não saber. Faz isto e tem a certeza de que depressa te sentirás aliviado da angústia que eles te causam. Posso garantir-te a ortodoxia desta técnica, porque, na realidade, ela significa um desejo de Deus, uma ânsia de O ver e

saborear na medida em que isso é possível nesta vida. E um desejo assim já é amor, que traz sempre paz.

Existe outra estratégia que também deves experimentar. Quando te sentires completamente exausto de lutar contra os teus pensamentos, diz a ti mesmo: «É inútil continuar a lutar contra eles»; depois, rende-te a seus pés como um cobarde ou um cativo. Ao fazeres isto, entregas-te a Deus no meio dos teus inimigos e reconheces a impotência radical da tua natureza. Aconselho-te a recordar esta estratégia particular, pois, ao empregá-la, tornas-te completamente dócil nas mãos de Deus. E, certamente, quando esta atitude é autêntica, equivale ao conhecimento de ti mesmo, porque te vês tal como realmente és: uma criatura miserável e corrompida, menos do que nada sem Deus. Trata-se, na verdade, de uma humildade experimental. Quando Deus te vê apoiado unicamente nesta verdade, não pode deixar de se apressar a ajudar-te, vingando-te dos teus inimigos.

Então, como um pai que corre a salvar o filho pequeno das mandíbulas de um javali ou de ursos selvagens, tomar-te-á e apertar-te-á nos braços, enxugando ternamente as tuas lágrimas espirituais.

3.33 – A pessoa é purificada dos seus pecados particulares e das suas consequências por meio da contemplação; contudo, nunca alcança a segurança perfeita nesta vida

Não entrarei agora diretamente noutras técnicas. Se dominares estas, creio que estarás mais preparado para me ensinar a mim do que eu a ti. Pois, embora tudo o que te disse seja verdadeiro, estou muito longe de ser especialista nestas coisas. Por isso, espero sinceramente que me possas ajudar, progredindo tu próprio nelas.

Encorajo-te a perseverar durante algum tempo nesta tarefa e, se não conseguires dominar imediatamente estas técnicas, suporta pacientemente o sofrimento das distrações. Mas o teu sofrimento passará e Deus começará a ensinar-te os seus próprios métodos por meio da graça e através da experiência. Então saberei que foste purificado do pecado e dos seus efeitos; isto é, dos efeitos dos teus próprios pecados pessoais, não dos efeitos do pecado original. Pois as consequências do pecado original

assediar-te-ão até à sepultura, apesar de todos os teus esforços. Contudo, não te incomodarão tanto como os efeitos dos teus pecados pessoais. Deves compreender, porém, que nesta vida não poderás viver sem grande angústia. No que diz respeito ao pecado original, cada dia te trará alguma nova tentação para o mal, que terás de derrubar e cortar com a espada impetuosa e de dois gumes do discernimento.

A experiência ensinar-te-á que, nesta vida, não existe segurança absoluta nem paz duradoura. Mas nunca desistas nem fiques excessivamente perturbado pela possibilidade de cair. Pois, se tiveres a graça de dominar os efeitos dos teus pecados pessoais com a ajuda dos recursos que descrevi — ou, se puderes, por outros meios melhores —, confia em que os efeitos do pecado original e as demais tentações que deles possam nascer dificilmente impedirão o teu crescimento.

3.34 – Deus concede livremente o dom da contemplação, sem recorrer a métodos; os métodos, por si sós, nunca podem despertá-la

Se agora me perguntares como se deve proceder para realizar a obra contemplativa do amor, colocas-me numa situação difícil. Tudo o que posso dizer é que peço a Deus todo-poderoso que, na sua grande bondade e doçura, seja Ele próprio a ensinar-te. Pois devo admitir com toda a honestidade que não sei. E não debes admirar-te, porque esta é uma atividade divina e Deus pode realizá-la em quem quiser. Ninguém pode merecê-la. Por mais paradoxal que pareça, nem sequer poderia ocorrer a pessoa alguma — não, nem a um anjo nem a um santo — desejar o amor contemplativo, se este já não estivesse vivo nela. Creio também que o Senhor chama muitas vezes deliberadamente a trabalhar nesta obra aqueles que foram pecadores habituais, de preferência àqueles que, comparativamente, nunca O ofenderam gravemente. Sim, parece fazê-lo com muita frequência. Penso que deseja fazer-nos compreender que é inteiramente misericórdia e poder, e que é perfeitamente livre de agir como, onde e quando Lhe agrada.

Contudo, não concede a sua graça nem realiza esta obra numa pessoa que não tenha aptidão para ela. Mas uma pessoa que não tem capacidade para receber a sua graça também não a alcançará pelos próprios esforços.

Ninguém, seja pecador ou inocente, pode consegui-la. Pois esta graça é um dom: não é concedida à inocência nem negada ao pecado. Repara que digo negada, não retirada.

Peço-te que tenhas cuidado para não cair aqui em erro. Lembra-te de que, quanto mais próximo o homem está da verdade, mais sensível deve ser ao erro. A advertência que faço é correta, mas, se agora não a consegues compreender, deixa-a até que Deus te ajude a entendê-la. Faz como te digo e não atormentes a cabeça.

Cuidado com o orgulho! É uma blasfêmia contra Deus nos seus dons e torna o pecador temerário. Se fosses verdadeiramente humilde, compreenderias o que procuro dizer. A oração contemplativa é um dom de Deus, inteiramente gratuito. Ninguém pode merecê-lo.

É próprio da natureza deste dom que aquele que o recebe receba também a aptidão correspondente. Ninguém pode possuir a aptidão sem o próprio dom. A aptidão para esta obra identifica-se com a própria obra: são a mesma coisa. Quem experimenta a ação de Deus no mais profundo do seu espírito possui a aptidão para a contemplação, e nada mais. Sem a graça de Deus, uma pessoa seria tão insensível à realidade da oração contemplativa que seria incapaz de a desejar ou procurar. Possui-la-ás na medida em que desejares possuí-la, nem mais nem menos. Mas nunca desejarás possuí-la enquanto Aquele que é inefável e incognoscível não te mover a desejar o inefável e o incognoscível. Peço-te que não procures saber mais. Permanece constantemente fiel a esta obra até que ela se torne toda a tua vida.

Para o exprimir de maneira mais simples, deixa que a graça misteriosa atue no teu espírito como quiser e segue-a para onde te conduzir. Que ela seja o agente ativo e tu o recetor passivo. Não interfiras com ela — como se te fosse possível aumentar a graça —; deixa-a antes agir, para não a estragares completamente. A tua parte é a da madeira em relação ao carpinteiro, ou a da casa em relação àquele que nela habita. Permanece cego durante esse tempo, afastando todo o desejo de conhecer, pois aqui o conhecimento é um obstáculo. Contenta-te em sentir como esta graça misteriosa desperta suavemente no mais profundo do teu espírito. Esquece tudo, exceto Deus, e fixa n'Ele o teu desejo puro, o teu anseio despojado de todo o interesse próprio.

Se aquilo de que falo faz parte da tua experiência, enche-te de confiança, porque é realmente Deus, e só Ele, quem desperta a tua vontade e o teu desejo. Ele não necessita de técnicas nem da tua ajuda. Não tenhas medo do maligno, pois ele não se atreve a aproximar-se de ti. Por mais astuto que seja, é incapaz de violar o santuário interior da tua vontade, embora por vezes possa atacá-lo por meios indiretos. Nem sequer um anjo pode tocar diretamente a tua vontade. Só Deus pode entrar aí.

Procuro esclarecer por palavras aquilo que a experiência ensina de maneira mais adequada: que as técnicas e os métodos são, em última análise, inúteis para despertar o amor contemplativo.

É inútil aproximar-se desta atividade armado com eles. Pois todos os bons métodos e meios dependem d'Ele, enquanto Ele não depende de coisa alguma.

3.35 – Da «leitura», do «pensamento» e da «oração», três hábitos que o principiante na contemplação deve desenvolver

Contudo, todo aquele que aspira à contemplação deve cultivar o estudo, a reflexão e a oração ou, dito de outro modo, a leitura, o pensamento e a oração. Outros escreveram sobre estas disciplinas com maior pormenor do que posso fazer aqui, pelo que não é necessário tratá-las agora detalhadamente. Mas direi isto àqueles que possam ler este livro, tanto principiantes como um pouco adiantados — embora não aos muito experientes na contemplação —: estas três coisas são tão interdependentes que é impossível pensar sem primeiro ler ou — o que é o mesmo — ter ouvido alguém ler. Pois a leitura e a audição são, na realidade, uma só coisa: os sacerdotes aprendem lendo livros, e os que não sabem ler aprendem com os sacerdotes que pregam a palavra de Deus. Os principiantes e os pouco adiantados que não se esforçam por meditar na palavra de Deus não deveriam admirar-se de serem incapazes de rezar. A experiência confirma-o.

A palavra de Deus, falada ou escrita, é como um espelho. A razão é o teu olhar espiritual, e a consciência, o teu rosto espiritual. E, assim como recorres a um espelho para descobrir algum defeito na tua pessoa — e, sem

um espelho ou alguém que te diga onde está a mancha, não conseguirias descobri-la —, também na ordem espiritual, sem a leitura ou a escuta da palavra de Deus, o homem, espiritualmente cego por causa do pecado habitual, é incapaz de ver a mancha da sua consciência.

Quando uma pessoa descobre no espelho — ou fica a sabê-lo por outra — que tem o rosto sujo, dirige-se imediatamente à fonte e lava-se. Do mesmo modo, quando um homem de boa vontade se vê refletido nas Escrituras ou na pregação de outros e se apercebe de que a sua consciência está manchada, corre imediatamente a purificar-se. Se aquilo que descobre é uma má ação concreta, então a fonte que deve procurar é a Igreja, e a água que deve aplicar é a Confissão, segundo o costume da Igreja.

Mas, se aquilo que vê é a raiz cega e a inclinação para o pecado, então a fonte que deve procurar é o Deus de toda a misericórdia, e a água que deve empregar é a oração, com tudo o que ela implica.

Por isso, quero que compreendas claramente que, para os principiantes e para os que estão ainda pouco adiantados na contemplação, a leitura ou a escuta atenta da palavra de Deus deve vir em primeiro lugar, pois, sem um tempo consagrado a uma reflexão séria, não pode haver oração autêntica.

3.36 – Do modo de meditar próprio dos contemplativos

Aqueles que, porém, estão continuamente ocupados na contemplação experimentam tudo isto de maneira diferente. A sua meditação assemelha-se mais a uma intuição repentina ou a uma certeza obscura. Intuitiva e subitamente, dar-se-ão conta dos seus pecados ou da bondade de Deus, mas sem terem feito qualquer esforço consciente para compreender isso por meio da leitura ou de outros recursos. Uma intuição como esta é, na sua origem, mais divina do que humana.

Na verdade, neste ponto não me importa que deixes de meditar tanto na tua natureza decaída como na bondade de Deus. Pressuponho, naturalmente, que és movido pela graça e que pediste conselho antes de deixares para trás estas práticas.

Pois então basta concentrares a tua atenção numa palavra simples, como pecado ou Deus — ou noutra que prefiras — e, sem a intervenção do pensamento analítico, podes permitir-te experimentar diretamente a realidade que ela significa. Não empregues a inteligência lógica para examinar ou explicar a ti mesmo essa palavra, nem consintas em ponderar os seus diferentes sentidos, como se tudo isso pudesse aumentar o teu amor. Não creio que o raciocínio ajude alguma vez na contemplação. Por isso, aconselho-te a deixar essas palavras tal como são, como um todo, por assim dizer.

Quando pensares no pecado, não te refiras a nenhum pecado em particular, mas apenas a ti mesmo, e também não a nada de concreto em ti. Creio que esta consciência obscura e global do pecado — referida apenas a ti mesmo, mas de modo indefinido, como a um todo — pode incitar-te à fúria de um animal selvagem enjaulado. Contudo, quem te observar não notará qualquer alteração na tua expressão e suporá que estás perfeitamente tranquilo e sereno.

Sentado, a caminhar, deitado, a descansar, de pé ou de joelhos, parecerás completamente descontraído e em paz.

3.37 – Da oração pessoal própria dos contemplativos

O contemplativo experiente, portanto, não depende do raciocínio discursivo do mesmo modo que os principiantes e os pouco adiantados. Os seus conhecimentos surgem espontaneamente, sem o auxílio do processo intelectual, como intuições diretas da verdade. Algo semelhante se pode dizer também da sua oração. Refiro-me à sua oração pessoal, não ao culto litúrgico da Igreja, embora não queira dar a entender que despreza a oração litúrgica. Pelo contrário, o verdadeiro contemplativo tem a mais elevada estima pela liturgia e é cuidadoso e rigoroso na sua celebração, seguindo a tradição dos nossos pais. Mas falo agora da oração privada e pessoal do contemplativo. Esta, tal como a sua meditação, é inteiramente espontânea e não depende de métodos específicos de preparação.

Os contemplativos raramente rezam com palavras e, quando o fazem, usam poucas. Na verdade, quanto menos, melhor. Além disso, uma palavra

monossilábica é mais adequada à natureza espiritual desta obra do que palavras compridas. Pois, a partir de agora, o contemplativo deve manter-se continuamente presente no centro mais profundo e íntimo da alma.

Deixa-me ilustrar o que digo com um exemplo tirado da vida real. Se um homem ou uma mulher, aterrorizado por uma calamidade repentina, chega ao limite das suas forças, concentra toda a sua energia num grande grito de socorro.

Em circunstâncias extremas como esta, uma pessoa não se entrega a muitas palavras, nem sequer a palavras compridas. Pelo contrário, reunindo todas as suas forças, exprime a sua necessidade desesperada num grito penetrante: «Socorro!» E, com esta exclamação, desperta efetivamente a atenção e a ajuda dos outros.

De modo semelhante, podemos compreender a eficácia de uma pequena palavra interior, que não chega a ser pronunciada nem pensada, mas brota do mais profundo do espírito de um homem e exprime todo o seu ser. Por profundidade entendo o mesmo que altura, pois, no domínio do espírito, altura e profundidade, comprimento e largura são a mesma coisa. Por isso, esta oração simples, que irrompe do mais profundo do teu espírito, move o coração de Deus todo-poderoso com mais segurança do que um salmo longo recitado mecanicamente em voz baixa.

É este o significado daquela afirmação da Escritura: «Uma breve oração penetra os céus.»

3.38 – Como e por que razão uma breve oração penetra os céus

Por que razão julgas que esta breve oração é tão poderosa que consegue penetrar os céus? Sem dúvida, porque é a oração de todo o ser do homem.

Um homem que reza deste modo reza com toda a altura e profundidade, comprimento e largura do seu espírito. A sua oração é alta porque reza com todas as forças do espírito; é profunda porque reuniu todo o seu pensamento e compreensão nesta pequena palavra; é longa porque, se este sentimento

pudesse durar, estaria sempre a gritar como agora; é larga porque, com uma preocupação universal, deseja para todos aquilo que deseja para si mesmo.

Com esta oração, a pessoa chega a compreender, com todos os santos, o comprimento e a largura, a altura e a profundidade do Deus eterno, misericordioso, onnipotente e onnisciente, como diz São Paulo. Não de modo total, evidentemente, mas parcialmente e daquela maneira obscura que é própria do conhecimento contemplativo. O comprimento fala da eternidade de Deus; a largura, do seu amor; a altura, do seu poder; e a profundidade, da sua sabedoria. Não devemos, pois, admirar-nos de que, quando a graça transforma deste modo uma pessoa à imagem e semelhança de Deus, seu Criador, a sua oração seja tão rapidamente ouvida. E estou certo de que Deus ouvirá e ajudará sempre todo o homem que reza desta maneira, mesmo que seja pecador e, por assim dizer, inimigo de Deus. Mas, se a sua graça o move a lançar este grito angustiado desde a profundidade e a altura, o comprimento e a largura do seu ser, Deus escutá-lo-á.

Deixa-me ilustrar o que estou a dizer com outro exemplo. Imagina que, a meio da noite, ouves o teu pior inimigo gritar com todo o seu ser: «Socorro!» ou «Fogo!» Ainda que esse homem fosse teu inimigo, não te sentirias movido pela compaixão perante a angústia daquele grito e não correrias a ajudá-lo? Sim, certamente que o farias. E, mesmo que estivesses no rigor do inverno, apressar-te-ias a apagar o fogo ou a aliviar a sua aflição.

Meu Deus! Se a graça pode transformar de tal modo um homem que ele seja capaz de esquecer o ódio e sentir semelhante compaixão pelo seu inimigo, que não deveremos esperar de Deus quando ouvir uma pessoa clamar desde o mais alto e o mais profundo, desde o comprimento e a largura de todo o seu ser? Pois Deus é, por natureza, a plenitude daquilo que nós somos por participação. A misericórdia de Deus pertence à essência do seu ser; por isso dizemos que Ele é todo misericórdia. Podemos, portanto, esperar n'Ele com toda a confiança.

3.39 – Como reza o contemplativo avançado; o que é a oração; e quais são as palavras mais adequadas à natureza da oração contemplativa

Devemos, pois, rezar com toda a intensidade do nosso ser, na sua altura e profundidade, no seu comprimento e largura. E não com muitas palavras, mas com uma pequena palavra.

Mas que palavra empregaremos? Certamente, a palavra mais apropriada é aquela que reflete a própria natureza da oração. E que palavra é essa? Procuremos primeiro determinar a natureza da oração e talvez então estejamos em melhores condições de decidir.

Em si mesma, a oração é simplesmente uma abertura reverente e consciente a Deus, cheia do desejo de crescer no bem e de vencer o mal. E já sabemos que todo o mal, seja por sugestão ou por ação, se resume numa palavra: «pecado». Por isso, quando desejamos ardentemente rezar pela destruição do mal, não devemos dizer, pensar ou significar outra coisa senão esta palavra: «pecado». Não são necessárias outras palavras. E, quando quisermos pedir o bem, que todo o nosso pensamento e desejo esteja contido nesta pequena palavra: «Deus». Nada mais é necessário, nem outras palavras, pois Deus é a síntese de todo o bem. Ele é a fonte de todo o bem, porque constitui o seu verdadeiro ser.

Não te admires de eu colocar estas palavras acima de todas as outras. Se conhecesse palavras mais breves que exprimissem de modo igualmente adequado tudo o que é bom e mau, ou se Deus me tivesse ensinado outras, certamente as usaria. E aconselho-te a fazer o mesmo. Não te perturbes a investigar a natureza das palavras, pois, caso contrário, nunca te entregarás à tarefa de aprender a ser contemplativo. Asseguro-te que a contemplação não é fruto do estudo, mas dom da graça.

Ainda que tenha recomendado estas duas pequenas palavras, não tens de as adotar se a graça não te inclinar a escolhê-las. Mas, se pela atração da graça de Deus descobrires que têm significado para ti, fixa-as de todos os modos na tua mente sempre que te sentires levado a rezar com palavras, porque são breves e simples. Se não te sentires inclinado a rezar com palavras, esquece também estas.

Creio que descobrirás que a simplicidade na oração, que tão vivamente te recomendei, não impedirá a sua frequência, porque, como expliquei acima, esta oração se realiza no comprimento do espírito, o que significa

que é incessante, até receber resposta. O nosso exemplo confirma-o. Quando uma pessoa está aterrorizada e em grande aflição, continuará a gritar «Socorro!» ou «Fogo!» até que alguém ouça o seu grito e venha em seu auxílio.

3.40 – Durante a contemplação, a pessoa deixa de lado toda a meditação sobre a natureza da virtude e do vício

Como já expliquei, debes mergulhar todo o teu ser na realidade espiritual significada pela palavra «pecado», sem insistires, contudo, numa espécie particular de pecado, como o orgulho, a ira, a inveja, a avareza, a preguiça, a gula, a luxúria ou qualquer outro pecado, seja mortal ou venial. Pois, para um contemplativo, que importa a espécie ou a gravidade do pecado? À luz da contemplação, tudo o que o separa de Deus, por mais leve que seja, aparece como um mal horrendo e rouba-lhe a paz interior.

Procura experimentar o pecado como um todo, compreendendo que esse todo és tu mesmo, mas sem o definires com precisão. Depois, grita no teu coração esta única palavra: «pecado», «pecado», «pecado», ou «socorro», «socorro», «socorro». Deus pode ensinar-te, por meio da experiência, aquilo que quero dizer muito melhor do que eu o posso fazer com palavras. Pois o melhor é que esta palavra seja inteiramente interior, sem um pensamento definido nem um som realmente pronunciado. Por vezes, sentir-te-ás tão saturado da realidade do pecado que a tristeza e o peso dele se estenderão por todo o teu corpo e alma, até chegares a exclamar a própria palavra.

Tudo isto é igualmente verdadeiro a respeito da palavra «Deus». Mergulha na realidade espiritual de que ela te fala, mas sem ideias precisas acerca das obras de Deus, sejam grandes ou pequenas, espirituais ou materiais. Não consideres nenhuma virtude em particular que Deus possa ensinar-te pela sua graça, seja a humildade, a caridade, a paciência, a abstinência, a esperança, a fé, a moderação, a castidade ou a pobreza evangélica. Pois, em certo sentido, para o contemplativo todas são a mesma coisa. Ele encontra e experimenta todas elas em Deus, que é a fonte e a essência de toda a bondade. O contemplativo chegou a compreender que, se possui Deus, possui todos os bens e, por isso, não deseja nada em particular,

mas apenas o próprio Deus bom. E tu também deves fazer assim, tanto quanto te for possível pela sua graça. Que esta palavra represente para ti Deus em toda a sua plenitude, e nada mais senão a plenitude de Deus. Que nada além de Deus predomine na tua mente e no teu coração.

E, dado que, enquanto viveres nesta vida mortal, sentirás em alguma medida o peso do pecado como parte integrante do teu ser, sê suficientemente prudente para alternar entre estas duas palavras: «Deus» e «pecado». Recorda este princípio geral: se possúires Deus, ficarás livre do pecado; e, quando estás livre do pecado, possuis Deus.

3.41 – Em tudo, exceto na contemplação, a pessoa deve ser moderada

Se agora me perguntares que espécie de moderação deves observar na obra da contemplação, responder-te-ei: nenhuma. Em tudo o mais, como comer, beber e dormir, a moderação é a regra. Evita os extremos de calor e de frio; guarda-te do excesso, tanto por mais como por menos, na leitura, na oração ou no convívio social. Em todas estas coisas, repito, segue o caminho do meio. Mas, no amor, não guardes medida. Na verdade, desejaria que nunca cessasses esta obra do amor.

Deves compreender, porém, que nesta vida te será impossível continuar nesta obra com a mesma intensidade durante todo o tempo. A doença, as fraquezas do corpo e do espírito e inúmeras outras necessidades da natureza deixar-te-ão indisposto e afastado das suas alturas. Ao mesmo tempo, contudo, aconselho-te a conservar sempre um bom ânimo e, se quiseses, a alegria. Quero dizer que, pelo desejo, podes permanecer nela, mesmo quando outras coisas interferem. Por amor de Deus, evita, pois, a doença na medida do possível, para que não sejas responsável por uma enfermidade desnecessária.

Falo-te seriamente quando digo que esta obra exige uma disposição descontraída, saudável e vigorosa, tanto do corpo como do espírito. Por amor de Deus, disciplina-te no corpo e no espírito, a fim de conservares a saúde durante o maior tempo possível. Mas, se apesar dos teus melhores esforços a doença te dominar, sê paciente em suportá-la e espera humildemente a misericórdia de Deus. Isso basta. Na verdade, a tua

paciência na doença e na aflição pode ser muitas vezes mais agradável a Deus do que os ternos sentimentos de devoção nos períodos de saúde.

3.42 – Não observando medida na contemplação, o homem pode alcançar a perfeita moderação em tudo o mais

Talvez estejas agora a perguntar-te como determinar a medida adequada na comida, na bebida, no sono e nas restantes coisas. Responder-te-ei brevemente: contenta-te em aceitar as coisas tal como se apresentam. Se te entregares generosamente à obra do amor, estou certo de que saberás quando deves começar e terminar qualquer outra atividade. Não posso acreditar que uma pessoa entregue de toda a alma à contemplação possa errar por excesso ou por defeito nestes assuntos exteriores, a não ser que seja uma pessoa que erre sempre.

Quem me dera poder estar sempre ocupado e ser fiel à obra do amor no meu coração! Duvido que então me preocupasse muito com a comida, a bebida, o sono e a conversação. Pois, certamente, alcança-se mais depressa a moderação nestas coisas não se preocupando com elas do que através de uma introspeção angustiada, como se esta pudesse ajudar a determinar a medida adequada. Com toda a certeza, nada do que eu faça ou diga pode realmente consegui-lo. Que os outros digam o que quiserem; a experiência é minha testemunha.

Por isso te digo, uma vez mais: eleva o teu coração com um impulso cego de amor, consciente ora do pecado, ora de Deus, desejando Deus e detestando o pecado. Este conhece-lo demasiado bem, mas o teu desejo tende para Deus. Peço ao bom Deus que venha em teu auxílio, pois, ao chegares a este ponto, precisarás muitíssimo d'Ele.

3.43 – O homem deve perder a consciência radical de concentração no próprio ser, se quiser alcançar nesta vida os altos cumes da contemplação

Sê cuidadoso ao esvaziar a mente e o coração de tudo, exceto de Deus, durante o tempo desta obra. Rejeita o conhecimento e a experiência de tudo o que é inferior a Deus, deixando-o sob a nuvem do esquecimento. E deves

aprender também a esquecer não apenas todas as criaturas e as suas obras, mas também a ti mesmo, juntamente com tudo o que fizeste ao serviço de Deus. Pois o verdadeiro amante não só ama o seu amado mais do que a si mesmo, mas, em certo sentido, esquece-se de si mesmo em relação ao único que ama.

É isto que deves aprender a fazer. Deves chegar a abominar e detestar tudo o que ocupa a tua mente, exceto Deus, pois tudo é um obstáculo entre Ele e ti. Dificilmente te deverá surpreender que chegues a odiar o pensamento acerca de ti mesmo, tendo em vista a tua compreensão mais profunda do pecado. Esta mancha fétida e detestável chamada pecado não és senão tu mesmo e, embora não a consideres em todos os seus pormenores, sabes agora que ela faz parte integrante do teu próprio ser e é algo que te separa de Deus.

Rejeita, portanto, o pensamento e a experiência de todas as coisas criadas, mas aprende especialmente a esquecer-te de ti mesmo, pois todo o teu conhecimento e toda a tua experiência dependem do conhecimento e do sentimento de ti mesmo. Tudo o mais se esquece facilmente, em comparação com o próprio ser.

Verifica se a experiência não me dá razão. Mesmo muito depois de teres conseguido esquecer as criaturas e as suas obras, dar-te-ás conta de que um conhecimento e um sentimento elementares do teu ser continuam a permanecer entre ti e Deus. Acredita em mim: não serás perfeito no amor enquanto isto não for também destruído.

3.44 – Como deve a pessoa dispor-se para destruir a consciência elementar de concentração no próprio ser

Perguntas-me agora como poderás destruir este conhecimento e sentimento elementares do teu próprio ser. Talvez tenhas finalmente chegado a compreender que, se destruíres isto, todos os outros obstáculos ficarão destruídos. Se chegaste a entender isto, já é muito. Mas, para te responder, devo explicar que, sem uma graça especial de Deus, livremente concedida, e sem uma perfeita correspondência da tua parte a essa graça, nunca poderás esperar a destruição desse conhecimento e sentimento

elementares do teu ser. A perfeita correspondência a esta graça consiste numa dor ou tristeza interior forte e profunda.

É, porém, de suma importância dar a forma adequada a esta dor. Deves ter cuidado para nunca forçares irreverentemente o corpo ou o espírito. Mantém-te descontraído e tranquilo, mas mergulhado na dor. A dor de que falo é verdadeira e perfeita, e bem-aventurado o homem que a experimentar. Todo o homem tem muitos motivos de tristeza, mas só compreende a razão universal e profunda da tristeza aquele que experimenta que é, que existe. Todos os outros motivos empalidecem diante deste. Só sente verdadeira tristeza e verdadeira dor aquele que se dá conta não apenas do que é, mas de que é. Quem nunca sentiu isto deveria chorar, pois nunca experimentou a verdadeira tristeza. Esta tristeza purifica o homem do pecado e do castigo do pecado. Mais ainda, prepara o seu coração para receber aquela alegria por meio da qual finalmente transcenderá o conhecimento e o sentimento do próprio ser.

Quando esta tristeza é autêntica, está repleta do anseio reverente pela salvação de Deus, pois, de outro modo, nenhum homem poderia suportá-la. Se o homem não fosse um pouco alentado pelo consolo da oração contemplativa, ficaria completamente esmagado pelo conhecimento e pelo sentimento do seu ser. Pois, sempre que deseja alcançar um conhecimento e um sentimento verdadeiros de Deus na pureza do seu espírito — tanto quanto é possível nesta vida — e depois sente que não pode fazê-lo, porque se dá constantemente conta de que o seu conhecimento e o seu sentimento estão como que ocupados e cheios de uma mancha fétida e pestilenta de si mesmo, que deve sempre odiar, desprezar e rejeitar, se quiser ser perfeito discípulo de Deus e ensinado somente por Ele no monte da perfeição, quase desespera com a tristeza que sente, chorando, gemendo, contorcendo-se, amaldiçoando-se e repreendendo-se a si mesmo. Numa palavra, sente o peso de si mesmo de modo tão trágico que já não se preocupa consigo, contanto que possa amar Deus.

E, contudo, em tudo isto não deseja deixar de existir, pois isso seria loucura do diabo e blasfêmia contra Deus. Na verdade, alegra-se por existir e, do mais profundo do coração, transbordando de gratidão, dá graças a Deus pelo dom e pelo bem da sua existência. Ao mesmo tempo, porém,

deseja incessantemente libertar-se do conhecimento e do sentimento do próprio ser.

Mais cedo ou mais tarde, todos devem tomar consciência, em alguma medida, tanto desta tristeza como deste anseio de liberdade. Deus, na sua sabedoria, ensinará os seus amigos espirituais, segundo as forças físicas e morais de cada um, a suportar esta verdade, de acordo com o progresso e a abertura de cada um à sua graça. Instruí-los-á pouco a pouco, até que sejam completamente um na plenitude do seu amor, aquela plenitude que é possível alcançar na terra com a sua graça.

3.45 – Uma boa exposição de certos enganos que podem ameaçar o contemplativo

Devo advertir-te de que um jovem noviço, sem experiência na contemplação, está exposto a um grande engano, se não permanecer constantemente vigilante e não for suficientemente sincero para procurar um guia seguro. O perigo é poder arruinar a sua resistência física e cair em perturbações mentais por causa do orgulho, da sensualidade e de uma sofística enganadora.

Eis como o engano pode insinuar-se. Um jovem ou uma jovem, recentemente iniciado no caminho da contemplação, começa a ouvir falar do desejo pelo qual o homem eleva o coração a Deus, ansiando incessantemente experimentar o seu amor; ouve falar também da tristeza que acabo de descrever.

Considerando-se, por vaidade, hábil e experiente na vida espiritual, não tarda a começar a interpretar aquilo que ouve em termos literais e materiais, perdendo completamente de vista o seu sentido espiritual mais profundo. Por isso, força loucamente os seus recursos físicos e emocionais para além de toda a medida razoável.

Desprezando a inspiração da graça e excitado pela vaidade e pela presunção, força de maneira tão doentia a sua resistência que, em pouco tempo, se encontra fatigado e extenuado no corpo e no espírito. Depois, sente a necessidade de aliviar a tensão criada, procurando uma

compensação fútil, material ou física, que lhe proporcione descanso do corpo e do espírito.

Supondo que consiga sair dessa situação, a sua cegueira espiritual e o abuso que inflige ao corpo nesta pseudocontemplação — pois dificilmente se lhe pode chamar espiritual — podem levá-lo a fomentar as suas paixões de maneira contrária à natureza ou a criar em si um estado de exaltação frenética. E tudo isto é resultado de uma falsa espiritualidade e de maus-tratos infligidos ao corpo. É instigado pelo seu inimigo, o demónio, que se serve do seu orgulho, da sua sensualidade e da sua presunção intelectual para o enganar.

Infelizmente, estas pessoas julgam que a exaltação que sentem é o fogo do amor aceso no seu peito pelo Espírito Santo. Deste engano e de outros semelhantes nascem males de toda a espécie, muita hipocrisia, heresia e erro. Esta espécie de pseudoexperiência traz consigo o falso conhecimento próprio da escola do diabo, do mesmo modo que a experiência autêntica comporta a compreensão da verdade ensinada por Deus. Acredita em mim quando te digo que o diabo tem os seus contemplativos, assim como Deus tem os seus.

A falsidade das pseudoexperiências e do falso conhecimento manifesta-se de mil maneiras e em muitas situações, segundo as diferentes mentalidades e disposições daqueles que são enganados, do mesmo modo que a experiência verdadeira assume formas subjetivas muito diferentes.

Mas detenho-me aqui. Não quero sobrecarregar-te com mais conhecimentos do que aqueles de que necessitas para tornar seguro o teu caminho. De que te serviria ouvir que o maligno enganou grandes clérigos e em diferentes etapas da sua vida? De nada, estou certo. Por isso, descreverei apenas aquelas armadilhas que poderás encontrar com maior facilidade, à medida que avanças nesta obra. Digo-to para que sejas prevenido de antemão e possas evitá-las.

3.46 – Uma instrução proveitosa para evitar estes enganos; na contemplação deve confiar-se mais num entusiasmo alegre do que na simples força bruta

Por amor de Deus, portanto, sê prudente e não te forces imprudentemente nesta obra. Confia mais num entusiasmo alegre do que na simples força bruta.

Pois, quanto mais alegremente procederes, mais humilde e espiritual se tornará a tua contemplação. Se, pelo contrário, agires de modo doentio, os frutos serão grosseiros e contrários à natureza. Por isso, sê prudente. Na verdade, todo aquele que pretender aproximar-se desta elevada montanha da oração contemplativa por meio da simples força bruta será apedrejado.

Sabes que as pedras são coisas ásperas e secas, que ferem terrivelmente quando atingem alguém. Sem dúvida, uma repressão doentia prejudicará a tua saúde, pois carece do orvalho da graça e é completamente seca. Além disso, causará grande dano à tua mente desvairada, levando-a a tropeçar em ilusões diabólicas. Por isso, volto a dizer-te que evites todo o impulso contrário à natureza e aprendas a amar com alegria, numa disposição suave e doce do corpo e da alma. Espera, com alegria e modesta delicadeza, a iniciativa do Senhor, e não procures arrebatá-la impientemente a graça, como um galgo cobiçoso e esfomeado.

Falo agora meio a brincar, mas procura dominar o suspiro intenso e espontâneo do teu espírito e tenta ocultar dos olhos do Senhor o anseio do teu coração. Talvez desprezes o que te digo, considerando-o infantil e frívolo; mas acredita em mim: aquele que tiver luz para compreender o que estou a dizer e a graça de o seguir experimentará verdadeiramente as delícias das alegrias do Senhor. Pois, como um pai que brinca com o filho, Ele apertará e beijará aquele que vier a Ele com coração de criança.

3.47 – Como crescer até à perfeita pureza do espírito; como o contemplativo manifesta o seu desejo a Deus de uma maneira e aos homens de outra

Não te incomodes se te parece que falo de maneira infantil e insensata, como se me faltasse o bom senso. Faço-o deliberadamente, pois creio que, nestes últimos dias, o Senhor me inspirou a pensar e a sentir deste modo e a dizer a alguns dos meus outros bons amigos aquilo que agora te digo a ti.

Uma das razões por que te aconselho a ocultar dos olhos de Deus o desejo do teu coração é que, quando o ocultas, Ele o vê de modo mais claro e verdadeiro. Ocultando-o, alcanças o teu propósito e vês o teu desejo realizado mais depressa do que por quaisquer outros meios que pudesses imaginar para atrair a atenção de Deus. Outra razão é que quero que te vás libertando da dependência das tuas emoções constantes e chegues a experimentar Deus na pureza e profundidade do teu espírito.

Finalmente, quero ajudar-te a apertar o nó espiritual do amor ardente que te unirá a Deus numa comunhão de ser e de desejo. Pois, como sabes, Deus é espírito, e todo aquele que deseja unir-se a Ele deve entrar na verdade e na profundidade de uma comunhão espiritual que transcende em muito toda a representação terrena.

Deus, como é evidente, sabe tudo, e nada pode ficar oculto aos seus olhos, seja material ou espiritual. Mas, por ser espírito, aquilo que penetrou profundamente no espírito é para Ele mais claro e evidente do que aquilo que se mistura com as emoções. E isto porque o espiritual Lhe é conatural. Por esta razão, creio que, quanto mais o nosso desejo estiver enraizado nas emoções, mais afastado estará de Deus do que se brotasse simplesmente da disposição alegre de um espírito puro e profundo.

Agora já podes compreender melhor por que razão te aconselho alegremente a cobrir e a ocultar o teu desejo de Deus. Com isto não te sugiro que o ocultes completamente, pois seria conselho de louco e, além disso, uma tarefa impossível.

Mas peço-te que recorras à tua simplicidade para o ocultares dos seus olhos o melhor que puderes. Por que razão te digo isto? Porque quero que o introduzas no mais profundo do teu espírito, longe do contágio das emoções caprichosas, que o tornam menos espiritual e mais afastado de Deus.

Sei também que, à medida que o teu coração crescer na pureza do espírito, ficará menos dominado pela carne e mais intimamente unido a Deus. Ele ver-te-á com maior clareza, e tu serás para Ele uma fonte de delícias. Evidentemente, a sua visão não é literalmente afetada por isto ou por aquilo, pois Ele é imutável. O que procuro dizer-te é que, quando o teu

coração estiver transformado pela pureza do espírito, se tornará conatural a Deus, porque Ele é espírito.

Tenho ainda outra razão para te aconselhar a esconder o teu anseio do olhar de Deus. Tu e eu, e muitos outros como nós, somos muito inclinados a deformar a realidade espiritual e a concebê-la literalmente. Talvez, se eu te tivesse exortado a manifestar a Deus o desejo do teu coração, o tivesses exprimido fisicamente com gestos, sons, palavras ou qualquer outra atividade engenhosa que pudesses empregar para manifestar a um amigo humano um sentimento secreto do teu coração. Mas isso apenas tornaria a tua obra de contemplação menos simples e menos pura, pois apresentamos as coisas ao homem de uma maneira e a Deus de outra.

3.48 – Deus deseja ser servido pelo homem no corpo e na alma; glorificará ambos; e como distinguir entre alegrias espirituais boas e más

A minha intenção, em tudo isto, não é certamente dissuadir-te de rezar em voz alta quando o Espírito Santo te inspirar a fazê-lo. E, se a alegria do teu espírito inundar os sentidos de tal modo que comeces a falar com Deus como falarias com qualquer homem, dizendo coisas como «Jesus», «doce Jesus» e outras semelhantes, não precisas de apagar o teu espírito. Deus não permita que me interpretes mal nesta matéria. Pois certamente não quero afastar-te das manifestações exteriores do amor. Deus me livre de querer separar o corpo e o espírito, pois foi Ele próprio quem os fez uma unidade. Na verdade, devemos honrar Deus com toda a pessoa, corpo e espírito conjuntamente. E, na eternidade, Ele glorificará perfeitamente toda a nossa pessoa, corpo e espírito. Como primícias da sua glória eterna, Deus pode por vezes inflamar os sentidos dos seus amigos fiéis com uma delícia e consolação inefáveis, mesmo aqui, nesta vida. E não apenas uma ou duas vezes, mas talvez com muita frequência, conforme julgar mais conveniente. Esta alegria, porém, não tem origem fora da pessoa, entrando através das faculdades dos sentidos, mas brota de uma abundância de alegria espiritual e de uma verdadeira devoção do espírito.

Uma consolação e uma alegria como estas nunca devem ser postas em dúvida nem temidas. Numa palavra, creio que todo aquele que as

experimental já não poderá duvidar da sua autenticidade.

Mas advirto-te para que sejas prudente diante de outras consolações, sons, alegrias ou prazeres provenientes de fontes exteriores que não consegues identificar, pois podem ser bons ou maus, obra de um anjo bom ou do espírito maligno.

Contudo, se evitares as especulações vãs e as tensões físicas e emocionais contrárias à natureza, seguindo os caminhos que te ensinei — ou outros melhores que possas descobrir —, pouco importa que sejam consolações boas ou más, pois não poderão fazer-te mal. Por que razão está a tua segurança tão firmemente estabelecida? Sem dúvida, porque a fonte da verdadeira consolação é o desejo reverente e amoroso que habita num coração puro. Esta é a obra de Deus todo-poderoso, realizada sem recurso a técnicas e, por isso mesmo, livre da fantasia e do erro que fazem um homem cair nesta vida.

Quanto às outras consolações, sons e alegrias, não entrarei agora nos critérios para discernir se são bons ou maus, pois não creio que seja necessário. Foram tratados em toda a sua extensão na obra de outro homem, muito superior a tudo quanto eu poderia escrever ou dizer. Aí poderás encontrar tudo o que disse, tudo o que precisas de saber, e muito melhor explicado. Mas que importa isso? De qualquer modo, continuarei, pois não me incomoda corresponder ao desejo do teu coração, que procura compreender a vida interior. Manifestaste-me antes esse desejo por palavras, e agora vejo-o claramente nas tuas ações.

Direi uma coisa acerca desses sons e alegrias que percebes através das faculdades naturais e que podem ou não ser maus. Aprende a permanecer continuamente ocupado no anseio cego, reverente e alegre do amor contemplativo, como te ensinei. Se o fizeres, estou certo de que este mesmo amor te permitirá discernir sem erro entre o bem e o mal. É possível que essas experiências te apanhem desprevenido ao princípio, por serem tão pouco comuns. Mas o impulso cego do amor firmará o teu coração, e não lhes darás crédito enquanto não receberem confirmação interior do Espírito Santo ou confirmação exterior mediante a orientação de um pai espiritual prudente.

3.49 – A essência de toda a perfeição é uma boa vontade; as consolações sensíveis não são essenciais para a perfeição nesta vida

E assim podes apoiar-te confiadamente neste puro impulso de amor que brota do teu coração e segui-lo para onde te conduzir, pois ele é o teu guia seguro nesta vida e levar-te-á à glória da vida futura. Este pequeno amor é a essência de uma vida boa e, sem ele, nada de bom é possível. Fundamentalmente, o amor significa uma entrega radical e pessoal a Deus.

Isto supõe que a tua vontade esteja harmoniosamente sintonizada com a vontade de Deus, numa alegria e entusiasmo permanentes por tudo quanto Ele faz.

Uma boa vontade como esta é a essência da mais alta perfeição. As alegrias e consolações do espírito e dos sentidos, por mais sublimes que sejam, são meramente acidentais em comparação com ela e dependem totalmente dela. Digo que são acidentais porque pouco importa que uma pessoa as experimente ou não. São contingentes à vida presente, mas, na eternidade, tornar-se-ão elementos essenciais da glória definitiva do homem, quando o seu corpo — que agora as sente — estiver unido real e essencialmente, para sempre, ao seu espírito. Mas, na terra, o núcleo de toda a consolação é a realidade íntima de uma boa vontade.

Estou igualmente convencido de que a pessoa que amadureceu na perfeição da sua vontade — ao menos na medida em que isso é possível nesta vida — não experimenta deleite ou consolação a que não pudesse renunciar voluntária e alegremente, se Deus assim o quisesse.

3.50 – O que se entende por amor puro; porque algumas pessoas experimentam pouca consolação sensível, enquanto outras experimentam muita

Espero que compreendas agora por que é tão importante concentrarmos toda a nossa energia e atenção neste suave movimento de amor da vontade.

Com todo o respeito devido aos dons de Deus, a minha opinião é que devemos permanecer completamente desprendidos dos deleites e

consolações dos sentidos ou do espírito, por mais agradáveis ou sublimes que sejam. Se vierem, sejam bem-vindos; mas não te detenhas neles, com receio de ficares vazio. Acredita em mim: gastarás muita energia se permaneceres demasiado tempo entregue a sentimentos doces e lágrimas. Além disso, pode acontecer que comeces a amar Deus por causa dessas coisas e não por Ele mesmo. Saberás se isto acontece quando te sentires aborrecido e irritado por deixares de as experimentar. Se verificares que assim é, então o teu amor ainda não é casto nem perfeito. Quando o amor é casto e perfeito, pode permitir que os sentidos sejam alimentados e fortalecidos por suaves emoções e lágrimas, mas nunca se perturba se Deus permitir que elas desapareçam. Continua a alegrar-se em Deus do mesmo modo.

Algumas pessoas experimentam certo grau de consolação quase sempre, enquanto outras apenas muito raramente. Deus, na sua grande sabedoria, determina o que é melhor para cada uma. Há pessoas espiritualmente tão frágeis e delicadas que, se não fossem continuamente confortadas com alguma consolação sensível, seriam incapazes de suportar as diversas tentações e sofrimentos que as afligem enquanto lutam, nesta vida, contra os seus inimigos interiores e exteriores. Há outras tão frágeis fisicamente que não conseguem purificar-se através de uma disciplina rigorosa. Na sua grande bondade, Nosso Senhor purifica espiritualmente estas pessoas por meio de consolações e lágrimas. Existem, porém, outras tão robustas espiritualmente que encontram consolação suficiente no reverente oferecimento deste simples e pequeno amor e na suave harmonia do seu coração com o de Deus.

Encontram um fortalecimento espiritual tão grande no seu íntimo que necessitam de pouca outra consolação. Qual destas pessoas é mais santa ou está mais próxima de Deus, só Ele o sabe. Eu, certamente, não o sei.

3.51 – Os homens devem procurar não interpretar literalmente aquilo que é dito em sentido espiritual, sobretudo as palavras «dentro» e «acima»

Fixa, pois, humildemente o teu impulso cego de amor no teu coração. Não falo, evidentemente, do teu coração físico, mas do teu coração

espiritual, da tua vontade. Procura não tomar em sentido literal as realidades espirituais de que te falo. Acredita em mim: a vaidade humana daqueles que possuem uma mente viva e imaginativa pode levá-los a grandes erros, se procederem assim.

Consideremos, por exemplo, aquilo que te disse acerca de ocultares, tanto quanto puderes, o teu desejo diante de Deus. Se eu te tivesse dito que Lho mostrasses, talvez o tivesses tomado ainda mais à letra do que agora, quando te digo que o ocultes. Pois agora compreendes que ocultar algo deliberadamente significa introduzi-lo no mais profundo do teu espírito. Continuo convencido de que é necessária grande prudência ao interpretar palavras empregadas em sentido espiritual, para não as deturpar mediante um significado literal.

Deves ter especial cuidado com as palavras «dentro» e «acima», devido ao grande erro e engano que a deturpação do seu significado pode produzir na vida daqueles que se propõem tornar-se contemplativos. Posso confirmá-lo pela minha própria experiência e pela de outros. Penso que te será muito útil conhecer alguma coisa destes enganos.

Um jovem discípulo da escola de Deus, que acaba de abandonar o mundo, julga que, por se ter dedicado durante algum tempo à oração e à penitência sob a direção do seu pai espiritual, já está preparado para iniciar a contemplação. Ouviu dizer ou leu que «o homem deve recolher todas as suas faculdades dentro de si mesmo» ou que «deve elevar-se acima de si mesmo». Mal ouve isto, levado pela ignorância da vida interior, pela sensualidade e pela curiosidade, deturpa-lhe o significado. Sente dentro de si uma curiosidade natural pelo oculto e pelo misterioso e supõe que a graça o chama à contemplação. Agarra-se tão obstinadamente a esta convicção que, se o seu pai espiritual não concordar com ele, fica profundamente entristecido. Então começa a pensar e a dizer a outros, tão ignorantes como ele, que não é compreendido. Afasta-se e, movido pela audácia e pela presunção, abandona demasiado cedo a oração humilde e a disciplina espiritual para começar — assim o imagina — a obra da contemplação. Se realmente perseverar nesse caminho, a sua obra não será nem divina nem humana, mas, para o dizer claramente, algo contrário à natureza, instigado e dirigido pelo demónio. É um caminho direto para a ruína do corpo e da

alma, pois trata-se de um desvio que conduz à loucura. Mas ele não se apercebe disso e, julgando insensatamente que pode possuir Deus com o entendimento, força a sua mente a concentrar-se apenas em Deus.

3.52 – Como alguns jovens principiantes presunçosos interpretam mal a palavra «dentro»; os enganos que daí resultam

O fracasso de que estou a falar tem origem do seguinte modo. O principiante ouve e lê que deve deixar de aplicar as suas faculdades exteriores às coisas exteriores e trabalhar interiormente. Bem entendido, isto é verdadeiro. Mas, como não é capaz de trabalhar interiormente, os seus esforços acabam por fracassar. Torna-se morbidamente introspetivo e força as suas faculdades, como se pudesse, pela simples força, fazer que os seus olhos vissem e os seus ouvidos ouvissem coisas interiores. Do mesmo modo, abusa dos sentidos exteriores e das emoções. Assim violenta a sua natureza, pressionando a imaginação com tal brutalidade e insensatez que, por fim, a sua mente entra em colapso. Então fica aberto o caminho ao inimigo para simular toda a espécie de fantasias de luz ou de som, algum perfume suave ou algum sabor delicioso. O demónio pode também excitar as suas paixões e despertar toda a espécie de sensações estranhas no peito, nas entranhas, nas costas, nos membros e noutros órgãos.

O pobre insensato, infelizmente, cai nestes enganos e acredita ter alcançado uma contemplação de Deus cheia de paz, acima de toda a tentação de pensamentos vãos. Na realidade, não está totalmente enganado, pois encontra-se agora tão saturado de mentiras que os pensamentos vãos já não o perturbam. Porquê? Porque o mesmo inimigo que o poderia atormentar com tentações, se estivesse entregue à oração autêntica, é quem dirige esta pseudoatividade e não é tão estúpido que vá dificultar a própria obra. Com grande astúcia, deixa o insensato preso nas suas redes, entretido em suaves pensamentos sobre Deus, para que a sua mão perversa não seja descoberta.

3.53 – Dos diversos maneirismos impróprios em que caem os pseudocontemplativos

O comportamento espiritual e físico daqueles que se entregam a qualquer espécie de pseudocontemplação tende a tornar-se muito excêntrico, ao passo que os amigos de Deus se conduzem sempre com simplicidade e naturalidade.

Quem observar estes iludidos durante a oração poderá ver coisas verdadeiramente estranhas. Se mantêm os olhos abertos, podem ficar a olhar fixamente como um perturbado mental, ou arregalá-los de horror como quem vê o diabo — e bem pode ser, porque ele não anda longe. Outras vezes, os seus olhos têm o olhar de uma ovelha ferida prestes a morrer. Uns inclinam a cabeça para um lado, como se tivessem um verme nos ouvidos. Outros emitem sons estridentes e lamurientos, como espíritos, julgando que esses sons substituem a fala. Habitualmente são hipócritas. Outros, por fim, gemem e soluçam no desejo e na ânsia de serem ouvidos. Estão a um passo dos hereges e daquelas pessoas astutas e enganadoras que argumentam contra a verdade.

Quem os observar poderá certamente notar muitos outros maneirismos grotescos e impróprios, embora alguns sejam suficientemente inteligentes para manter em público uma atitude respeitável. Se fossem observados quando estão desprevenidos, creio que a sua vergonha seria manifesta, e qualquer pessoa que ousasse contradizê-los tornar-se-ia alvo da sua ira.

Contudo, acreditam que tudo quanto fazem o fazem por Deus e ao serviço da verdade. Mas estou convencido de que, se Deus não intervier por um milagre para os levar a renunciar à sua loucura enganadora, o seu «modo de amar Deus» conduzi-los-á diretamente às garras do diabo, completamente enlouquecidos. Não digo que todo aquele que está sob a influência do diabo seja atingido por todos estes males, embora não o considere impossível. Mas todos os seus discípulos se encontram corrompidos por algum deles ou por outros semelhantes, como explicarei a seguir, se Deus quiser.

Há alguns tão carregados de toda a espécie de excentricidades e maneirismos requintados que, quando escutam, adotam uma maneira afetadamente recatada de torcer a cabeça para cima e para um dos lados, ficando de boca aberta.

Dir-se-ia que procuram escutar com a boca, em vez de o fazerem com os ouvidos! Alguns, quando falam, apontam com os dedos para as próprias mãos, para o peito ou para aqueles a quem estão a pregar. Outros não conseguem estar sentados, de pé ou deitados sem mexer os pés ou gesticular com as mãos.

Alguns remam com os braços, como se procurassem atravessar a nado uma grande extensão de água. Outros, por fim, estão sempre a fazer caretas ou a rir sem motivo a todo o instante, como rapazes estouvados ou palhaços absurdos e mal-educados. Quanto melhor é uma postura modesta, um porte tranquilo e composto, uma simplicidade alegre!

Com isto não pretendo dar a entender que estes maneirismos sejam em si mesmos um grande pecado, nem que todos aqueles que os adotam sejam necessariamente grandes pecadores. Mas sou de opinião que, se estas afetações dominarem uma pessoa a ponto de a escravizarem, constituem uma prova de orgulho, de sofística, de exibicionismo e de curiosidade. Pelo menos, revelam o coração volúvel e a imaginação inquieta de uma pessoa tristemente desprovida de um espírito verdadeiramente contemplativo. Se falo deles, é unicamente para que o contemplativo possa preservar a autenticidade da sua própria atividade, evitando-os.

3.54 – A contemplação agracia o homem com sabedoria e equilíbrio e torna-o atraente no corpo e no espírito

À medida que a pessoa amadurece na obra da contemplação, descobrirá que este amor governa de maneira adequada o seu comportamento, tanto interior como exteriormente. Quando a graça atrai um homem à contemplação, parece transfigurá-lo até fisicamente, de tal modo que, embora seja disforme por natureza, aparece transformado e agradável à vista. Toda a sua personalidade se torna tão atraente que as pessoas boas se sentem honradas e felizes por estar na sua companhia, fortalecidas pelo sentido de Deus que dele irradia.

Faz, pois, aquilo que está ao teu alcance e coopera com a graça para alcançar este grande dom, pois ela te ensinará como o homem que o possui sabe governar-se a si mesmo e tudo aquilo que lhe diz respeito. Será até

capaz de discernir o carácter e o temperamento dos outros, quando isso for necessário. Saberá adaptar-se a qualquer pessoa — para espanto de todos —, mesmo aos pecadores endurecidos, sem que ele próprio peque. A graça de Deus atuará por seu intermédio, levando os outros a desejar esse mesmo amor contemplativo que o Espírito Santo desperta nele. O seu comportamento e a sua conversação serão ricos em sabedoria espiritual, fogo e frutos de amor, pois falará com uma segurança cheia de serenidade, sem falsidade nem o servilismo fingido dos hipócritas.

Há pessoas que canalizam todas as suas energias físicas e espirituais para aprenderem a amparar e a disfarçar a própria insegurança com soluços servis e uma piedade afetada. Preocupam-se mais em parecer santas diante dos homens do que em sê-lo diante de Deus e dos seus anjos. Essas pessoas ficam mais confusas e envergonhadas por um gesto inadequado ou por uma falta de etiqueta em sociedade do que por mil pensamentos vãos e inclinações repugnantes para o pecado, deliberadamente estimulados ou com os quais brincam preguiçosamente na presença de Deus e dos seus anjos. Ah, Senhor Deus! Uma grande dose de humildade afetada revela certamente um coração orgulhoso. É verdade que uma pessoa realmente humilde deve comportar-se com modéstia nas palavras e nos gestos, refletindo a disposição do seu coração. Mas não consigo suportar uma voz afetadamente humilde, contrária à simplicidade natural do carácter. Se estamos a dizer a verdade, usemos um tom de voz simples e sincero, de acordo com a nossa própria personalidade. Uma pessoa que, por natureza, possui uma voz franca e forte e que habitualmente murmura num sussurro quase inaudível — exceto, naturalmente, quando está doente, fala em privado com o seu confessor ou em segredo com Deus — é certamente um hipócrita. Pouco importa que seja noviço ou tenha grande experiência: é um hipócrita.

Que mais posso dizer acerca destes enganos traiçoeiros? Na verdade, se o homem não receber a graça de se libertar destes hipócritas lamurientos, corre perigo. Pois, entre o orgulho secreto do seu coração e a hipocrisia do seu comportamento, o pobre infeliz pode cair rapidamente numa terrível ruína.

3.55 – Aqueles que condenam o pecado com zelo indiscreto acabam ludibriados

O inimigo pode ainda enganar certas pessoas com outras armadilhas insidiosas. Pode incitá-las, com zelo, a defender a lei de Deus, arrancando o pecado do coração dos outros. Nunca as tentará diretamente com algo manifestamente pecaminoso. Pelo contrário, incitá-las-á a assumir o papel de prelados zelosos que fiscalizam todos os aspetos da vida cristã, como um abade que inspeciona os seus monges. Repreendem todos e cada um pelas suas faltas, como se fossem pastores legitimamente constituídos. Sentem que devem lançar-lhes em rosto até a própria ira de Deus, que, segundo julgam, se manifesta por meio deles, e afirmam ser impelidos pelo amor de Deus e pelo fogo da caridade fraterna. Mas, na realidade, mentem, pois é o fogo do inferno, aceso no seu cérebro e na sua imaginação, que os incita.

O que se segue parece confirmá-lo. O demónio é um espírito que, como os anjos, não possui corpo. Mas, sempre que, com a permissão de Deus, ele — ou qualquer anjo — assume um corpo para lidar com os homens, o corpo que escolhe reflete de algum modo a natureza da sua missão. Vemos isto na Sagrada Escritura. Tanto no Antigo como no Novo Testamento encontramos que, quando um anjo era enviado para cumprir determinada missão, o seu corpo ou o seu nome refletia a mensagem espiritual. Do mesmo modo, sempre que o inimigo assume forma humana, alguma característica do seu corpo refletirá a sua intenção.

Um exemplo concreto ilustra muito bem isto. Soube, por alguns estudantes de necromancia — culto que ensina a comunicação com os espíritos malignos — e por outros a quem o diabo apareceu sob forma humana, qual o tipo de corpo que ele costuma assumir. Disseram-me que, quando aparece, costuma ter apenas uma única narina, larga e espaçosa, e que pode facilmente voltar a cabeça para trás, de modo que o homem consegue ver diretamente o seu cérebro, que parece ser o fogo do inferno. Um demónio não pode ter outro cérebro e fica muito satisfeito se conseguir induzir o homem a contemplá-lo, pois essa visão fará o ser humano sair de si mesmo para sempre. O discípulo experiente de magia negra sabe isto muito bem e, por isso, toma as devidas precauções para não se colocar em perigo.

Assim, quando o demónio assume um corpo, podes estar certo de que este refletirá de algum modo a sua intenção. No caso do falso zelo que estamos a considerar, inflama de tal maneira a imaginação dos seus contemplativos com o fogo do inferno que eles, repentina e imprudentemente, se lançam à ação com incrível presunção. Atribuem a si mesmos o direito de admoestar os outros, muitas vezes de maneira cruel e precipitada. E tudo isto porque possuem apenas uma única narina espiritual. A divisão do nariz humano em duas fossas sugere que o homem deve possuir um discernimento espiritual que lhe permita distinguir o bem do mal, o mal do pior e o bem do melhor, antes de formular um juízo. Por cérebro entendo a imaginação espiritual, pois, segundo a natureza, a imaginação reside e atua na cabeça.

3.56 – Aqueles que confiam mais na própria inteligência natural e no saber humano do que na doutrina comum e na direção da Igreja estão enganados

Há ainda outros que, embora escapem aos enganos que acabo de descrever, caem vítimas do seu orgulho, da sua curiosidade intelectual e do seu saber erudito, ao rejeitarem a doutrina comum e a orientação da Igreja. Estas pessoas e os seus seguidores confiam demasiado no próprio saber. Nunca estiveram enraizados naquela experiência humilde e cega do amor contemplativo e da bondade de vida que o acompanha. Por isso, ficam vulneráveis à pseudoexperiência traçada e dirigida pelo seu inimigo espiritual. Chegam ao ponto de se levantar e blasfemar contra os santos, os sacramentos e as determinações da santa Igreja. Os homens sensuais e mundanos, que consideram demasiado pesadas as exigências da Igreja para a conveniente reforma da sua vida, correm rápida e facilmente atrás destes hereges e apoiam-nos. E tudo porque imaginam que estes hereges os conduzirão por um caminho mais fácil do que o da santa Igreja.

Ora, creio verdadeiramente que todo aquele que não empreender o caminho árduo do céu deslizará facilmente pelo caminho do inferno, como cada um de nós verá no último dia. Estou convencido de que, se pudéssemos ver estes hereges e os seus seguidores neste momento tal como os veremos no dia do juízo, perceberíamos que, além da sua presunção manifesta ao negarem a verdade, estão carregados de grandes e pesados

pecados cometidos na sua vida privada. Diz-se deles que, na vida privada, estão tão cheios de luxúria vil como da falsa virtude que exibem na vida pública. Com toda a verdade podem ser chamados discípulos do Anticristo.

3.57 – Como alguns jovens principiantes presunçosos deturpam a palavra «acima»; os enganos que daí resultam

Deixemos agora de lado esta discussão e voltemos ao que comecei a dizer acerca da compreensão espiritual de certas palavras fundamentais.

Disse acima que os jovens discípulos da espiritualidade que não se acautelam contra a presunção são muito inclinados a interpretar mal a palavra «acima». Ouvirão dizer ou lerão que os contemplativos devem «elevar o coração a Deus». Imediatamente começam a fixar os olhos nas estrelas, como se estivessem noutra planeta, e a escutar como se esperassem captar cânticos celestes de anjos. Por vezes, concentram a sua imaginação curiosa em penetrar os segredos dos planetas e em perfurar o firmamento, na esperança de ver para além dele. Inclina-se a imaginar Deus segundo as próprias fantasias, vendo-O vestido com sumptuosas vestes e sentado num trono exótico. À sua volta imaginam anjos com forma humana, dispostos como músicos numa orquestra. Acredita em mim: nesta vida nunca se viu nem ouviu nada semelhante.

Algumas destas pessoas são enganadas pelo demónio de maneira incrível, chegando ele a enviar-lhes uma espécie de orvalho que pretende ser o alimento celeste dos anjos. Parece descer suave e delicadamente dos céus, dirigindo-se de modo maravilhoso para a sua boca. Foi assim que adquiriram o hábito de permanecer de boca aberta, como se procurassem apanhar moscas. Não te deixes enganar.

Tudo isto é uma ilusão, apesar das suas aparências piedosas, pois, ao mesmo tempo, o seu coração está vazio de verdadeiro fervor. Pelo contrário, essas fantasias insensatas encheram-nos de tal vaidade que o demónio pode facilmente levá-los a ouvir ruídos estranhos, a ver iluminações raras e a sentir aromas deliciosos. É um engano lamentável.

Estas pessoas, porém, não percebem o engano e estão convencidas de que imitam santos como Martinho, que, numa revelação, viu Cristo entre os anjos, vestido de esplendor; ou Estêvão, que viu o Senhor glorioso nos céus; ou os discípulos, que O contemplavam enquanto desaparecia nas nuvens. Julgam que, como eles, devemos manter os olhos fixos nos céus. Concordo que devemos levantar os olhos e as mãos em gestos corporais de devoção, conforme o Espírito nos impulsionar. Mas insisto em que a nossa atividade contemplativa não deve dirigir-se para cima ou para baixo, para um lado ou para o outro, para a frente ou para trás, como se fosse uma máquina. Pois não é uma atividade da carne, mas uma aventura da vida interior empreendida no Espírito.

3.58 – Certos exemplos de São Martinho e de Santo Estêvão não devem ser tomados literalmente como modelos de elevação para o alto durante a oração

Quanto ao que algumas pessoas dizem acerca de São Martinho e de Santo Estêvão, devemos recordar que, embora tenham tido visões de Cristo, essas visões foram graças extraordinárias destinadas a confirmar uma verdade espiritual. Essas pessoas sabem muito bem que Cristo nunca usou a capa de São Martinho — como se tivesse necessidade de ser protegido contra o mau tempo! Não, essa manifestação destinava-se a instruir aqueles de nós que são chamados à salvação como membros do único corpo de Cristo. Cristo confirmava desta forma simbólica aquilo que já tinha ensinado no Evangelho. Aí lemos que todo aquele que veste um pobre ou o serve numa necessidade material, física ou espiritual, por amor de Jesus, serviu realmente o próprio Jesus e será recompensado por Ele. Neste caso particular, o Senhor, na sua sabedoria, decidiu confirmar o Evangelho com um milagre e, por isso, apareceu a São Martinho vestido com a capa que este dera a um pobre. Toda a revelação deste género concedida aos homens na terra possui um profundo significado espiritual. Pela minha parte, creio que, se a pessoa que a recebe pudesse compreender esse significado profundo de outra maneira, a visão seria desnecessária. Aprendamos, portanto, a ultrapassar a casca dura e a morder a polpa succulenta do fruto.

Como faremos isto? Certamente, não como os hereges, pois eles são como bêbados que esvaziaram a taça e depois a atiraram contra a parede.

Permaneçamos na verdade e evitemos este comportamento grosseiro. Não devemos comer tanto fruto que acabemos por detestar a árvore, nem beber de modo tão desregrado que partamos a taça depois de ficarmos saciados.

Ora, a árvore e a taça representam as visões extraordinárias e as outras graças sensíveis, como os gestos de devoção que mencionei. O fruto e o vinho representam o profundo significado espiritual dessas graças. Se tais gestos forem inspirados pelo Espírito, têm sentido e são autênticos; caso contrário, são hipócritas e falsos. Quando são verdadeiros, são ricos em fruto espiritual e, por isso, não devemos desprezá-los. Não é verdade que as pessoas nobres beijam reverentemente a taça por causa do vinho que ela contém?

Quanto à ascensão corporal de Nosso Senhor à vista de sua Mãe e dos discípulos, deverão os contemplativos entendê-la como um convite a permanecerem absortos durante a oração, esperando contemplá-Lo entronizado na sua glória ou de pé nos céus, como Santo Estêvão O viu?

Certamente, Ele não espera que perscrutemos o céu durante o tempo da nossa atividade espiritual, com o objetivo de O contemplarmos de pé, sentado, deitado ou em qualquer outra posição. Na realidade, não conhecemos a natureza da humanidade glorificada de Nosso Senhor, nem conhecemos a posição que adotou no céu. Além disso, isso é irrelevante. O que sabemos é que o seu corpo humano e a sua alma estão para sempre unidos à sua divindade na glória. Não sabemos nem precisamos de saber o que faz, mas apenas que Se possui a Si mesmo em completa liberdade. Quando, numa visão, Se revela nesta ou naquela posição, fá-lo para pôr em evidência a sua mensagem espiritual e não para manifestar a sua aparência celestial.

Vou esclarecer melhor isto com um exemplo. Estar de pé é símbolo de assistência ou de apoio. Antes de uma batalha, por exemplo, um amigo dirá a outro: «Coragem, companheiro. Combate valentemente e não desanimes, pois estarei ao teu lado». Evidentemente, quando diz «estarei ao teu lado», não se refere à posição física, pois talvez avancem num esquadrão de cavalaria para uma batalha que será travada a cavalo. Quer dizer que estará presente, disposto a ajudá-lo. De modo semelhante, Nosso Senhor apareceu de pé a Santo Estêvão durante o seu martírio para lhe dar ânimo. Não

pretendia ensinar-nos a sonhar acordados. É antes como se dissesse a todos os mártires, na pessoa de Santo Estêvão: «Olha, Estêvão! Rasguei o firmamento para Me revelar como presente aqui. Deves saber que estou realmente ao teu lado, com a minha força onipotente, pronto a ajudar-te. Mantém-te, pois, firme na fé e suporta corajosamente o ataque mortal daqueles que te apedrejam, porque te coroarei de glória pelo testemunho que deste de Mim; e não apenas a ti, mas a todos aqueles que sofrem por meu amor».

Espero que compreendas agora que estas revelações físicas se destinam a manifestar uma verdade espiritual, embora ela possa permanecer oculta a um observador superficial.

3.59 – A ascensão corporal de Cristo não deve ser tomada como exemplo para provar que o homem deve forçar a mente para o alto durante a oração; na contemplação devem esquecer-se o tempo, o lugar e o corpo

Objetas agora que, uma vez que Nosso Senhor ascendeu ao Pai corporalmente, como Deus e como homem, a sua ascensão encerra também para nós um ensinamento tanto físico como espiritual. A isto devo responder que, na sua ascensão, a humanidade de Nosso Senhor ficou transformada e que o seu corpo, embora verdadeiro corpo, era já um corpo imortal. Tinha morrido, mas, na ressurreição, revestira-se de imortalidade. Sabemos que também os nossos corpos ressuscitarão gloriosos no último dia. Serão então espiritualizados e tão ágeis como o é agora o nosso pensamento. Em cima ou em baixo, à esquerda ou à direita, atrás ou diante serão uma e a mesma coisa, como ensinam os teólogos. Mas ainda não recebemos essa glória e, por isso, só podemos subir ao céu de uma maneira espiritual, que nada tem a ver com a direção de que normalmente falamos.

Quero que saibas claramente que aqueles que se dedicam às coisas espirituais, sobretudo os contemplativos, devem proceder com grande prudência ao interpretar aquilo que leem. Encontramos palavras como «elevantar», «entrar» ou «impulso», mas devemos compreender que estas expressões não são usadas em sentido literal ou físico. «Impulso» ou movimento não significa um movimento corporal, nem a palavra «repouso» se refere a uma postura física de descanso ou de imobilidade.

Pois, quando a nossa atividade é autêntica e madura, é totalmente espiritual, estando para além tanto do movimento como do repouso. Além disso, seria talvez mais exato descrever o termo «impulso» como uma transformação súbita do que como um movimento. Em qualquer caso, tratando-se desta atividade espiritual, esquece completamente tudo o que diga respeito ao tempo, ao lugar físico e à materialidade.

Sê prudente, portanto, para não interpretares a ascensão em termos literais e materiais. Não forces a imaginação durante a oração, num louco esforço por elevar o corpo para o alto, como se quisesse alcançar a lua. No

âmbito do espírito, tudo isso carece de sentido. Quanto à realidade física da ascensão, recorda que só Cristo ascendeu corporalmente, como atestam as Escrituras ao dizerem: «Ninguém subiu ao céu senão Aquele que desceu do céu: o Filho do Homem.» Assim, ainda que agora nos fosse possível subir fisicamente ao céu — o que não é —, isso aconteceria por uma superabundância do poder espiritual e não por um esforço da imaginação voltado para cima ou para baixo, para a esquerda ou para a direita. É inútil, e farás bem em evitar este erro.

3.60 – O caminho mais suave e mais seguro para o céu mede-se pelos desejos e não pelos quilómetros

Talvez a ascensão de Cristo continue a ser para ti uma pedra de escândalo. Ele ascendeu corporalmente diante de todos os seus discípulos e enviou o Espírito Santo, como tinha prometido. Tudo isto leva-te a pensar que, durante a oração, deves dirigir literalmente a tua mente para o alto. É verdade que acreditamos que Cristo, na sua humanidade ressuscitada, subiu ao Pai; mas permite-me que tente explicar-te, uma vez mais, por que razão este acontecimento não deve ser reconstruído em sentido literal. Procurarei fazê-lo da forma mais simples possível, ainda que a minha explicação não seja inteiramente adequada.

Sim, Cristo subiu aos céus e, do alto, enviou o Espírito Santo. Mas subiu porque essa era a forma mais conveniente de exprimir o mistério, e não porque fosse necessário subir em vez de descer, ou mover-se para a esquerda ou para a direita. Para além do elevado valor simbólico do movimento ascendente, a direção desse movimento é totalmente accidental relativamente à realidade espiritual. Pois, no reino do espírito, o céu está tão próximo em cima como em baixo, atrás como diante, à esquerda como à direita. O acesso ao céu faz-se através do desejo. Quem deseja estar no céu já lá está em espírito. O caminho que conduz ao céu mede-se pelo desejo e não pelos quilómetros. Por isso, São Paulo escreve numa das suas cartas: «A nossa pátria está nos céus...» Outros santos disseram substancialmente o mesmo, embora de formas diferentes. Querem dizer que o amor e o desejo constituem a própria vida do espírito. E o espírito habita onde habita o seu amor, com a mesma certeza com que habita o corpo ao qual dá vida. Compreendes agora melhor? Não precisamos de forçar o espírito em todas

as direções para chegar ao céu, pois já vivemos nele pelo amor e pelo desejo.

3.61 – Na reta ordem da natureza, a carne está sujeita ao espírito e não o espírito à carne

Ao mesmo tempo, quando, movidos pelo Espírito, elevamos os olhos e as mãos para os céus, onde brilham as estrelas, louvamos Deus por meio de um belo gesto de devoção. Se o Espírito Santo nos inspirar uma oração desse gênero, devemos segui-Lo. Mas, por outro lado, não devemos preocupar-nos com o gesto, porque todo o gesto corporal deve estar subordinado ao espírito, e não o espírito ao gesto corporal.

A ascensão de Nosso Senhor manifesta claramente esta verdade. Na sua divindade, Jesus nunca esteve — nem podia estar — separado de Deus. Mas, quando, estando ainda na terra, chegou a hora estabelecida de regressar ao Pai, voltou corporalmente para Ele na sua humanidade. Revestido do poder e da força do Espírito, regressou ao Pai como uma única Pessoa, também na sua humanidade. Este mistério foi expresso da maneira mais apropriada pela sua ascensão para o alto.

De modo semelhante, embora menos perfeito, todos aqueles que se entregam generosamente à obra interior do amor descrita neste livro devem experimentar a verdadeira relação entre a matéria e o espírito. Ainda que o contemplativo não tenha consciência disso, o seu corpo ficará influenciado pela disposição do seu espírito. Pois, quando se recolhe para iniciar esta atividade, o seu corpo, que talvez estivesse entregue a uma postura descuidada, endireita-se subitamente numa atitude de atenção e vigilância. A prontidão interior do espírito reflete-se, com admirável precisão, na disposição exterior do corpo.

É próprio da dignidade do homem permanecer ereto, com o rosto voltado para as estrelas e não para a terra, como os animais, pois ele é a mais excelente das obras de Deus. A nobreza da sua vocação espiritual, que o chama a elevar-se espiritualmente para Deus, reflete-se na dignidade e na nobreza da sua postura ereta. Mas repara bem: disse que ele se eleva «espiritualmente» para Deus, e não fisicamente. Pois poderá um espírito

imaterial ser dirigido de um lado para o outro como um corpo? De modo nenhum.

Sê, pois, prudente e não interpretes o espiritual em termos materiais. É necessário usar palavras como «acima», «abaixo», «dentro», «fora», «atrás», «diante», «esquerda» e «direita». Pois, por mais espiritual que seja o assunto de que tratamos, continuamos a ser homens e precisamos de recorrer ao vocabulário da linguagem humana comum para comunicar. A linguagem pertence ao mundo material, porque as nossas palavras derivam da experiência humana e são pronunciadas pela língua física. Significa isto, porém, que devam ser entendidas em sentido literal? Evidentemente que não.

Enquanto seres humanos, podemos ultrapassar o seu significado imediato e captar o sentido espiritual que encerram num plano mais profundo.

3.62 – Como o homem pode saber quando a sua atividade espiritual está abaixo e fora de si, ao seu próprio nível e dentro de si, e quando está acima de si, mas abaixo de Deus

Penso que te será mais fácil descobrir o significado espiritual que se esconde por detrás das expressões correntes, se eu explicar alguns termos habitualmente usados em relação à atividade contemplativa. Isso dar-te-á maior segurança para discernires com precisão quando estás a lidar com coisas exteriores e inferiores a ti, quando tratas com realidades interiores e iguais a ti e, finalmente, quando te encontras diante daquelas que te transcendem, embora permaneçam abaixo de Deus.

Abaixo de ti e fora de ti estende-se todo o universo criado. Sim, até o sol, a lua e as estrelas. Embora estejam acima de ti, brilhando no firmamento, não podem comparar-se com a tua excelsa dignidade de ser humano.

Os anjos e as almas dos justos são superiores a ti, enquanto confirmados na graça e gloriosamente revestidos de toda a espécie de virtudes; mas são iguais a ti quanto à natureza, porque também eles são criaturas inteligentes.

Por natureza, foste adornado com três maravilhosas faculdades espirituais: memória, razão e vontade; e com duas faculdades secundárias: imaginação e percepção sensorial. Na ordem da natureza, nada existe acima de ti, exceto Deus.

Quando leres livros sobre a vida interior e encontrares referências a ti mesmo, debes compreender que elas dizem respeito ao teu ser total enquanto pessoa humana dotada de dignidade espiritual, e não apenas ao teu corpo físico. Enquanto ser humano, estás relacionado com tudo o que existe na criação por meio das tuas faculdades.

Se chegares a compreender tudo isto acerca da hierarquia da criação, da tua própria natureza e do teu lugar nela, possuirás alguns critérios para avaliar a importância de cada uma das tuas relações.

3.63 – Das faculdades do espírito em geral; como a memória, enquanto faculdade principal, abrange em si todas as outras faculdades e as suas operações

A razão, a vontade, a imaginação e a percepção sensorial são as faculdades pelas quais o homem atua para elaborar os dados da realidade. A memória é a faculdade abrangente que recebe, seleciona e conserva o conhecimento adquirido através das outras quatro faculdades. Como a natureza da função da memória é tão diferente da das restantes faculdades, não podemos dizer propriamente que ela atue em sentido ativo; antes compreende e acolhe numa atitude essencialmente recetiva.

Chamo primárias a umas faculdades do homem e secundárias a outras, não porque o espírito humano seja divisível, mas porque os dados que elas elaboram podem dividir-se em duas categorias principais. A primeira inclui tudo o que se refere ao espírito, e por isso chamo-lhe primária; a segunda inclui tudo o que diz respeito à matéria, e por isso considero-a secundária. Quando as duas faculdades principais, a razão e a vontade, tratam diretamente das realidades espirituais, podem funcionar independentemente da imaginação e da percepção sensorial.

A imaginação e a percepção sensorial operam sobre as realidades materiais, quer presentes quer ausentes. Residem no corpo e atuam através dos cinco sentidos corporais. Contudo, enquanto a razão e a vontade funcionam de modo autónomo, a imaginação e a percepção sensorial necessitam da assistência da razão e da vontade para poderem apreender plenamente até as próprias realidades materiais. A essência, as causas, as propriedades e as diferenças das coisas materiais são inacessíveis à imaginação e à percepção sensorial sem o auxílio das faculdades primárias.

Resumindo: a razão e a vontade chamam-se faculdades primárias porque não são materiais e podem atuar independentemente das outras faculdades no âmbito do espírito. A imaginação e a percepção sensorial chamam-se secundárias porque operam sobre as coisas materiais e atuam no corpo através dos cinco sentidos. A memória é uma faculdade primária porque, embora não trabalhe diretamente sobre os dados da realidade, abrange em si as outras quatro faculdades, juntamente com o conhecimento que elas adquirem. Explicarei isto mais detalhadamente.

3.64 – Das outras duas faculdades principais, a razão e a vontade; como funcionavam antes do pecado original

A razão é a faculdade que nos permite distinguir o bem do mal, o bom do melhor e o melhor do excelente. Ou, conforme os casos, distinguir o bem do mal, o mal do pior e o pior do péssimo. Antes do pecado, o homem fazia isto de modo natural e fácil; mas agora a razão, obscurecida em consequência do pecado original, erra, a menos que seja iluminada pela graça. A memória abrange tanto a razão como o objeto do seu conhecimento.

Depois de a razão determinar aquilo que é bom, a vontade dirige-se para esse bem com amor e desejo, encontrando finalmente nele repouso, satisfação, alegria e pleno consentimento. Antes do pecado original, o homem não corria o perigo de escolher e amar um falso bem, porque, na sua integridade original, experimentava cada coisa tal como realmente era.

Nenhuma das suas faculdades estava perturbada e não era propenso a ser enganado por nenhuma delas. Mas, na condição presente, o homem não

pode escolher firmemente o bem sem a assistência da graça. O pecado original deixou-o ferido e cego, de tal modo que facilmente se deixa iludir pelas aparências e é levado a escolher um mal disfarçado de bem.

A memória abrange igualmente a vontade e o objeto para o qual ela se dirige.

3.65 – Da primeira faculdade secundária, a imaginação; como funciona e de que modo foi ferida pelo pecado original

Pela faculdade da imaginação reproduzimos para nós mesmos a imagem das coisas presentes ou ausentes. A imaginação e todas as imagens que ela reproduz estão contidas na memória. Antes do pecado original, a imaginação cooperava plenamente com a razão. Como uma serva fiel, refletia cada imagem de acordo com a realidade, de modo que a razão nunca era enganada nos seus juízos por uma imagem deformada de qualquer realidade, fosse ela material ou espiritual. Agora, porém, essa integridade da nossa natureza perdeu-se, e a imaginação não cessa, dia e noite, de deformar a imagem das criaturas materiais, de deturpar a sua essência espiritual ou de gerar na memória fantasmas de realidades espirituais. Sem o auxílio da graça, corremos o risco de incorrer em graves erros de percepção, produzindo-se assim numerosas deformações da realidade.

A natureza indisciplinada da imaginação manifesta-se claramente na experiência dos principiantes que acabam de abandonar o mundo e se encontram no início da vida contemplativa. Não sem grande dificuldade conseguem afastar a alma dos milhares de pensamentos e imagens agradáveis ou das fantasias acerca do passado que a imaginação desenfreada projeta continuamente sobre o ecrã da alma. Esta atividade habitual e desordenada da imaginação é uma das dolorosas consequências do pecado original. À medida que estes principiantes progredem nas práticas da vida contemplativa, meditando fielmente sobre a sua fragilidade humana, sobre a Paixão de Cristo, sobre a sua bondade infinita e sobre as demais verdades da vida interior, a razão vai sendo gradualmente curada e recupera o seu justo domínio sobre a imaginação.

3.66 – Da outra faculdade secundária, a percepção sensorial; como funciona e de que modo foi ferida pelo pecado original

A percepção sensorial é a faculdade da nossa alma que utiliza os sentidos e os governa. Esta faculdade é uma bênção para nós, porque nos permite conhecer e experimentar todas as criaturas materiais e determinar se são ou não boas para nós. A percepção sensorial inclui tanto os sentidos externos como os internos. Os sentidos externos estão ao serviço das nossas necessidades físicas, enquanto os internos servem a inteligência. É esta faculdade que se insurge quando o corpo experimenta alguma necessidade e que também nos pode levar a exceder-nos na satisfação de qualquer necessidade. Queixa-se quando é privada do prazer e quando lhe é infligida alguma dor, alegrando-se intensamente quando a dor desaparece e o prazer lhe é restituído. A memória abrange igualmente a faculdade da percepção sensorial e tudo quanto ela experimenta.

Assim como a imaginação é serva da razão, também a percepção sensorial é escrava da vontade. Antes de o homem pecar, era uma escrava perfeita, porque todo o seu prazer ou sofrimento estava em perfeita consonância com a realidade. Não transmitia à vontade qualquer sensação desordenada a respeito de criatura material alguma, nem o demónio despertava nos sentidos interiores experiências espirituais enganadoras.

Mas já não é assim. Em consequência do pecado original, sofre quando é privada de prazeres desordenados, que deseja cegamente, e revolta-se quando é submetida a uma disciplina salutar. A graça deve fortalecer a vontade para que aceite humildemente a sua parte nas consequências do pecado original, mantendo a percepção sensorial sob controlo, a fim de que ela não se exceda nos prazeres legítimos e adquira gosto por uma disciplina saudável. Sem a graça, a percepção sensorial entregar-se-ia caprichosamente aos prazeres da vida e da carne, degradando o homem até o tornar mais semelhante a um animal do que a um ser humano chamado a um destino espiritual.

3.67 – A ignorância acerca do funcionamento das faculdades da alma pode facilmente conduzir ao erro e a uma compreensão errada dos

ensinamentos sobre a contemplação; como a pessoa se torna quase divina pela graça

Meu querido amigo em Deus, repara nos riscos a que estamos expostos por causa do pecado original. Poderá surpreender-nos que sejamos cegos e facilmente enganados ao interpretar o significado espiritual de certas expressões, sobretudo se desconhecemos tão profundamente as nossas próprias faculdades e o modo como funcionam?

Deves compreender que, sempre que te ocupas de coisas materiais, por melhores que sejam em si mesmas, estás ocupado com algo que é exterior a ti e inferior a ti na ordem da criação. Noutras ocasiões, estarás absorvido pela introspeção, no âmbito mais subtil da tua consciência, pois, à medida que cresceres no conhecimento de ti mesmo e na perfeição humana, as tuas faculdades espirituais voltar-se-ão para o teu desenvolvimento interior, para os bons hábitos que vais adquirindo, para os maus que vais dominando e para as tuas relações com os outros. Nesses momentos, estás ocupado com algo que se encontra dentro de ti e ao teu próprio nível enquanto ser humano. Mas haverá também ocasiões em que a tua alma se verá livre de toda a ocupação, quer material quer espiritual, e totalmente absorvida no próprio ser de Deus. Esta é a atividade contemplativa que tenho vindo a descrever neste livro. Nesses momentos, transcendes-te a ti mesmo e tornas-te quase divino, embora permanecendo abaixo de Deus.

Digo que te transcendes e te tornas quase divino porque alcançaste, pela graça, aquilo que te é impossível por natureza, pois esta união com Deus no espírito, no amor e na unidade do desejo é um dom da graça. Quase divino, sim: tu e Deus tornais-vos de tal modo um só que tu — e todo o verdadeiro contemplativo — podes, em sentido verdadeiro, ser chamado divino. De facto, é isso que a Escritura nos diz. Naturalmente, não és divino no mesmo sentido em que Deus o é, pois Ele, sem princípio nem fim, é divino por natureza.

Tu, pelo contrário, vieste do nada à existência num determinado momento do tempo. Além disso, depois de Deus te ter criado pelo imenso poder do seu amor, tornaste-te menos do que nada pelo pecado. Por causa do pecado, nada merecias; mas o Deus de toda a misericórdia recriou-te

amorosamente na graça, tornando-te, por assim dizer, divino e um com Ele no tempo e na eternidade. Contudo, embora sejas verdadeiramente um com Ele pela graça, continuas a ser inferior a Ele por natureza.

Meu querido amigo, compreendes tudo o que estou a dizer? Todo aquele que desconhece as próprias faculdades espirituais e o seu funcionamento está inclinado a deturpar as palavras empregadas em sentido espiritual. Percebes agora com maior clareza por que razão não me atrevia a dizer-te: «Mostra o teu desejo a Deus»?

Ensinei-te, pelo contrário, a usar de subtileza e a ocultá-lo alegremente. Temia que interpretasses literalmente aquilo que eu pretendia exprimir em sentido espiritual.

3.68 – Não estar fisicamente em parte alguma significa estar espiritualmente em toda a parte; como o nosso eu superficial pode ridicularizar a contemplação, considerando-a uma perda de tempo

Talvez outra pessoa te dissesse que deves recolher as tuas faculdades e os teus sentidos dentro de ti mesmo para aí prestar culto a Deus. Diria bem, pois isso é verdade, e nenhuma pessoa sensata poderia negá-lo. Contudo, por receio de um possível engano e de que interpretes literalmente aquilo que digo, não quero exprimir a vida interior dessa maneira. Prefiro falar por meio de paradoxos.

Não procures recolher-te dentro de ti mesmo, pois, para o dizer simplesmente, não quero que estejas em parte alguma: nem fora, nem acima, nem atrás, nem ao lado de ti mesmo.

Mas então perguntas: «Onde devo estar? Segundo dizes, não devo estar em parte alguma!» Exatamente. Na verdade, exprimiste-o muito bem, pois é precisamente isso que desejo: que não estejas em parte alguma. Porquê?

Porque não estar fisicamente em parte alguma equivale a estar espiritualmente em toda a parte. Procura compreender isto claramente: a tua atividade espiritual não está localizada em nenhum lugar concreto. Mas, quando a tua mente se concentra conscientemente em alguma coisa, estás

espiritualmente nesse lugar, do mesmo modo que o teu corpo se encontra agora localizado num determinado espaço. Os teus sentidos e faculdades sentir-se-ão frustrados por não encontrarem algo a que se agarrar e censurar-te-ão por não fazeres nada. Mas não te preocupes. Permanece neste nada, movido unicamente pelo teu amor a Deus. Nunca o abandones; persevera firme e constantemente nesse nada, desejando ardentemente possuir sempre por amor Aquele que ninguém pode possuir pelo conhecimento. Quanto a mim, prefiro perder-me nesta ausência de lugar, lutando com este nada cego, a ser um grande senhor que viaja por toda a parte e desfruta do mundo como se fosse seu dono.

Esquece esta maneira de estar em toda a parte e esquece o mundo inteiro. Toda a sua riqueza empalidece diante deste bendito nada e desta ausência de lugar. Não te inquietes se as tuas faculdades não conseguirem apreendê-lo. Na verdade, é assim que deve ser, porque este nada é tão subtil que os sentidos não o podem alcançar. Não pode ser explicado; só pode ser experimentado.

Àqueles que acabam de o encontrar, ele pode parecer muito obscuro e impenetrável. Mas, na realidade, estão mais cegos pelo esplendor da sua luz espiritual do que por qualquer escuridão comum. Quem julgas que a ridiculariza, considerando-o um vazio? Naturalmente, o nosso eu superficial. Não o nosso verdadeiro eu; não, o nosso verdadeiro e íntimo eu aprecia-o como uma plenitude acima de toda a medida. Pois, nesta escuridão, experimentamos uma compreensão intuitiva de tudo o que é material e espiritual, sem prestar atenção particular a coisa alguma.

3.69 – Como o amor do homem é maravilhosamente transformado pela experiência interior deste nada e desta ausência de lugar

Como o amor do homem é maravilhosamente transformado pela experiência interior deste nada e desta ausência de lugar! Na primeira vez que o contempla, surgem diante dele os pecados de toda a sua vida. Nenhum pensamento mau, palavra ou ação permanece oculto. Misteriosa e obscuramente, ficaram gravados a fogo no interior desse nada. Para onde quer que se volte, eles perseguem-no, até que, depois de grande esforço, doloroso remorso e muitas lágrimas amargas, os apaga profundamente.

Por vezes, esta visão é tão terrível como o clarão fugaz do inferno, e a pessoa sente-se tentada a desesperar de alguma vez ser curada e aliviada do seu doloroso fardo.

Muitos chegam a este ponto da vida interior, mas a terrível agonia e a ausência de consolação que experimentam ao confrontarem-se consigo mesmos levam-nos a voltar a pensar nos prazeres do mundo. Procuram alívio nas coisas da carne, incapazes de suportar o vazio espiritual interior. Mas não compreenderam que ainda não estavam preparados para a alegria espiritual que lhes teria sido concedida, se tivessem esperado.

Aquele que permanecer pacientemente nesta escuridão será confortado e recuperará a confiança no seu destino, pois verá gradualmente os pecados passados serem curados pela graça. A dor continua, mas ele sabe que terminará, pois já começa a tornar-se menos intensa. Pouco a pouco, começa a compreender que o sofrimento que suporta não é realmente o inferno, mas o seu próprio purgatório.

Chegará um tempo em que já não reconhecerá nesse nada nenhum pecado particular, mas apenas o pecado como uma realidade obscura; e essa massa informe não é outra coisa senão ele próprio. Vê que nele se encontram a raiz e as consequências do pecado original. Quando, noutras ocasiões, começar a experimentar um maravilhoso fortalecimento e inefáveis alegrias de bem-estar, perguntar-se-á se esta nada não será, afinal, um paraíso celeste. Chegará finalmente um momento em que experimentará tal paz e repouso nessa escuridão que será levado a pensar que ela deve ser o próprio Deus.

Mas, ainda que pense que este nada é isto ou aquilo, ele continuará sempre a ser uma nuvem do não saber entre ele e o seu Deus.

3.70 – Assim como começamos a compreender as realidades espirituais onde termina o conhecimento dos sentidos, também alcançamos mais facilmente a mais elevada compreensão de Deus possível nesta vida, com o auxílio da graça, onde termina o nosso conhecimento espiritual

Persevera, pois, penetrando neste nada que não está em parte alguma e não procures servir-te dos sentidos do corpo nem das suas percepções. Repito: eles não estão adaptados a esta obra. Os teus olhos destinam-se a ver as coisas materiais, dotadas de tamanho, forma, cor e posição. Os teus ouvidos respondem ao estímulo das ondas sonoras. O teu nariz foi formado para distinguir os bons dos maus odores, e o paladar para distinguir o doce do ácido, o salgado do insípido, o agradável do amargo. O sentido do tato indica-te aquilo que é quente ou frio, duro ou mole, suave ou áspero.

Mas, como sabes, nem a qualidade nem a quantidade são propriedades que pertençam a Deus ou a qualquer realidade espiritual. Por isso, não procures utilizar os sentidos interiores ou exteriores para apreender o espiritual. Aqueles que se dispõem a trabalhar no espírito, pensando que podem ver, ouvir, saborear ou sentir as realidades espirituais, interior ou exteriormente, enganam-se profundamente e violam a ordem natural das coisas. A natureza destinou os sentidos a adquirir o conhecimento do mundo material, e não a compreender as realidades íntimas do espírito. Quero dizer que o homem conhece as realidades espirituais mais pelo que elas não são do que pelo que são. Quando, na leitura ou numa conversa, encontramos realidades que as nossas faculdades naturais não conseguem penetrar, podemos estar certos de que se trata de realidades espirituais.

Por outro lado, também as nossas faculdades espirituais são limitadas quanto ao conhecimento de Deus tal como Ele é. Por muito que o homem possa conhecer todas as realidades espirituais criadas, o seu entendimento nunca poderá compreender a verdade espiritual incriada que é Deus. Existe, porém, um conhecimento negativo que compreende Deus. Este procede afirmando acerca de tudo o que conhece: isto não é Deus, até chegar finalmente a um ponto em que todo o conhecimento se esgota. Esta é a posição de São Dionísio, que afirmou: «O conhecimento mais divino de Deus é aquele que conhece pelo não conhecer.»

Quem ler o livro de Dionísio encontrará nele a confirmação de tudo aquilo que tenho procurado ensinar neste livro, desde o princípio até ao fim. À exceção desta única frase, não quero citar mais nem Dionísio nem qualquer outro mestre da vida interior acerca deste assunto. Houve um tempo em que se considerava sinal de modéstia não dizer nada da própria

lavra sem o confirmar com textos da Escritura ou de outros mestres reconhecidos. Hoje, pelo contrário, este género de procedimento é considerado uma moda vã nos presunçosos círculos intelectuais. Pela minha parte, não quero incomodar-te com tudo isso, pois não tens qualquer necessidade disso.

Quem tiver ouvidos para ouvir, que me ouça; e quem se sentir movido a acreditar em mim, que aceite com simplicidade aquilo que digo pelo valor que possui em si mesmo, pois, na realidade, não há outra possibilidade.

3.71 – Algumas pessoas experimentam a perfeição da contemplação em raros momentos de êxtase, chamados «raptos», enquanto outras a experimentam no meio do seu trabalho quotidiano

A verdade é que Deus, na sua sabedoria, determina o curso e o carácter do caminho contemplativo de cada pessoa, segundo os talentos e os dons que lhe concedeu. É certo que algumas pessoas não chegam à contemplação sem atravessarem um longo e difícil processo espiritual e, mesmo então, só raramente conhecem a sua perfeição na alegria do êxtase chamado raptos. Outras, porém, foram de tal modo transformadas espiritualmente pela graça e alcançaram tão grande intimidade com Deus na oração que parecem poder entrar num profundo recolhimento, ou regressar a ele quando querem, mesmo no meio da rotina quotidiana, quer estejam sentadas, de pé, a caminhar ou de joelhos. Conseguem conservar em todo o momento o pleno domínio e uso das suas faculdades físicas e espirituais, talvez com alguma dificuldade, mas não muita.

Em Moisés temos a figura do contemplativo da primeira espécie, e em Aarão a figura do contemplativo da segunda. A Arca da Aliança representa a graça da contemplação, e os homens cuja vida esteve mais intimamente ligada à Arca, como narra a história, representam aqueles que são chamados à contemplação. Falando com maior rigor, a Arca simboliza os dons da contemplação, pois, assim como a Arca continha todas as joias e tesouros do templo, também este pequeno amor dirigido para Deus na nuvem do não saber contém todas as virtudes do espírito humano, que, como sabemos, é templo de Deus.

Antes de lhe ser permitido contemplar a Arca e receber o seu modelo, Moisés teve de subir o longo e penoso caminho da montanha e permanecer nela, envolvido por uma nuvem escura, durante seis dias. No sétimo dia, o Senhor mostrou-lhe o modelo segundo o qual a Arca devia ser construída. Moisés perseverou nesta dura tarefa e, na iluminação tardia que finalmente recebeu, podemos ver o modelo daqueles que parecem ter de sofrer muito antes de alcançar os cumes da contemplação e só raramente conseguem gozá-la em plenitude.

Aquilo que Moisés alcançou com tanto esforço e de que gozou tão raramente, Aarão parece tê-lo alcançado com pouco trabalho. Com efeito, o seu ofício sacerdotal permitia-lhe entrar no Santo dos Santos e contemplar a Arca sempre que queria. Aarão representa, portanto, aquelas pessoas de que falei acima, as quais, pela sua sabedoria espiritual e com o auxílio da graça divina, gozam do fruto perfeito da contemplação sempre que desejam.

3.72 – O contemplativo não deve tomar a própria experiência como critério para julgar outros contemplativos

É importante compreender que, na vida interior, nunca devemos tomar as nossas próprias experiências — ou a ausência delas — como norma para os outros. Aquele que trabalhou duramente para chegar à contemplação e depois só raramente goza da perfeição desta obra pode facilmente enganar-se ao falar, pensar ou julgar outras pessoas com base na sua própria experiência. Do mesmo modo, o homem que experimenta frequentemente as alegrias da contemplação — aparentemente quase sempre que quer — pode errar se medir os outros por si mesmo. Não percas tempo com estas comparações. Pois, talvez por um sábio desígnio de Deus, possa acontecer que aqueles que, no princípio, lutaram longa e duramente na oração e só ocasionalmente saborearam os seus frutos venham depois a experimentá-los sempre que desejarem e em grande abundância. Foi isso que aconteceu com Moisés. No princípio, só lhe foi concedido contemplar a Arca de vez em quando e não sem ter lutado arduamente na montanha; mas depois, quando se estabeleceu no vale, pôde gozar dela livremente.

3.73 – A Arca da Aliança é figura da contemplação; Moisés, Besalel e Aarão, e a sua relação com a Arca, representam três caminhos de

contemplação

Segundo narram as Escrituras, houve três homens muito ligados à Arca: Moisés, Besalel e Aarão. Na montanha, Moisés aprendeu de Deus como ela devia ser construída. Servindo-se do modelo que Moisés recebera de Deus, Besalel construiu-a no vale. E Aarão guardou-a no templo, vendo-a e tocando-a sempre que queria.

Estes três homens ilustram os três caminhos pelos quais a graça nos pode conduzir à contemplação. Por vezes, como Moisés, devemos subir à montanha e lutar apenas com o auxílio da graça antes de alcançar a contemplação, para depois, como ele, gozar os seus frutos, ainda que raramente. Quero, contudo, deixar claro neste contexto que a revelação pessoal de Deus a Moisés foi um dom, e não uma recompensa pelo seu esforço. O nosso progresso na contemplação pode também realizar-se através da nossa própria penetração espiritual, auxiliada pela graça; nesse caso, somos como Besalel, que não pôde contemplar a Arca enquanto não trabalhou para a construir com o esforço das próprias mãos, embora ajudado pelo modelo dado a Moisés na montanha.

Há ainda outras ocasiões em que a graça nos atrai, servindo-se como instrumento das palavras de outras pessoas. Então somos como Aarão, a quem foi confiado o cuidado da Arca que Besalel modelou e preparou com a habilidade das suas mãos.

Meu querido jovem amigo, percebes o que procuro dizer? Embora o tenha explicado de maneira infantil e desajeitada e embora eu seja um mestre pobre e indigno, proponho-te o ofício de Besalel, ao explicar e colocar nas tuas mãos, por assim dizer, esta Arca espiritual. Mas podes superar amplamente o meu trabalho imperfeito, se quiseses ser Aarão, entregando-te continuamente à contemplação por nós dois. Peço-te que o faças por amor de Deus todo-poderoso. Ele chamou-nos a ambos para esta obra, mas peço-te, por amor de Deus, que supras com o teu ardor aquilo que me falta.

3.74 – Todo aquele que é chamado à contemplação reconhecerá, ao ler este livro, algo que corresponde ao seu espírito; só a essa pessoa deveria

ser permitido lê-lo ou ouvi-lo; repetem-se as advertências do prólogo

Se o género de oração que descrevi neste livro te parecer inadequado para ti, quer espiritualmente quer pelo teu temperamento, sente-te inteiramente livre para o abandonar e, com confiança e a ajuda de um conselheiro prudente, procura outro caminho. Nesse caso, espero que me desculpes por tudo quanto escrevi aqui. Na verdade, escrevi apenas segundo a minha simples compreensão destas coisas e sem outra intenção além de te ajudar. Por isso, volta a lê-lo duas ou três vezes. Quanto mais o leres, melhor, pois tanto mais profundamente compreenderás o seu sentido. Algumas partes que, numa primeira leitura, parecem difíceis e obscuras poderão tornar-se evidentes e claras numa segunda leitura.

Na minha opinião, ninguém a quem a graça tenha conduzido à contemplação pode ler este livro — ou ouvir a sua leitura — sem sentir que ele fala de algo que corresponde ao seu próprio espírito. Se sentires isso e o achares proveitoso, dá graças a Deus de todo o coração e, por seu amor, reza por mim.

Espero sinceramente que o faças. Mas peço-te insistentemente, por amor de Deus, que não partilhes este livro com ninguém, a menos que estejas convencido de que se trata de uma pessoa capaz de o compreender e apreciar. Volta a ler o capítulo em que descrevo o género de pessoa que deve iniciar a obra da contemplação e compreenderás a que tipo de pessoa me refiro. E, se o partilhares com alguém, insiste, por favor, na importância de o ler do princípio ao fim. Há partes que, sem dúvida, não podem ser compreendidas isoladamente, mas necessitam do esclarecimento e da explicação de outras. Se uma pessoa ler apenas uma secção e omitir aquelas que a completam, poderá facilmente cair em erro. Faz, pois, aquilo que te peço. E, se pensares que algumas partes necessitam de maior esclarecimento, diz-me quais são e o que pensas delas, e eu procurarei revê-las o melhor que puder, segundo a minha simples compreensão destas coisas.

Não quero que este livro caia nas mãos de mexeriqueiros mundanos, de adúladores, de pessoas que em tudo encontram defeitos, de alcoviteiros, de intrometidos ou de simples curiosos, sejam eles instruídos ou não. Nunca

tive a intenção de escrever para esse gênero de pessoas, nem sequer quero que ouçam falar deste livro. Não duvido de que algumas delas sejam boas pessoas, talvez até muito entregues à vida ativa, mas este livro não corresponde às suas necessidades.

3.75 – Alguns sinais pelos quais o homem pode saber se Deus o chama ou não à contemplação

Quero deixar claro que nem todos os que leem este livro — ou ouvem a sua leitura — e o acham interessante estão já chamados à contemplação. A agitação interior que experimentam talvez não seja tanto uma atração da graça como o despertar de uma curiosidade natural. Dar-te-ei alguns sinais que te ajudarão a examinar essa atração e a discernir a sua verdadeira causa.

Em primeiro lugar, examine-se a pessoa a si mesma e veja se fez tudo o que estava ao seu alcance para purificar a consciência de todo o pecado deliberado, segundo os preceitos da santa Igreja e os conselhos do seu diretor espiritual. Se estiver satisfeita com o esforço realizado, tudo vai bem. Mas, para alcançar maior certeza, examine se se sente mais atraída pela simples oração contemplativa do que por qualquer outra devoção espiritual. E, se a sua consciência não lhe permite encontrar paz em nenhuma atividade, exterior ou interior, enquanto não fizer deste secreto e pequeno impulso de amor dirigido para a nuvem do não saber a sua principal ocupação, isso é sinal de que Deus a chama para esta obra. Mas, se estes sinais faltarem, asseguro-te que não a chama.

Não digo que todos os chamados à contemplação sintam desde o princípio, de modo contínuo e permanente, o impulso do amor, pois não é assim. Na verdade, o jovem aprendiz de contemplativo pode deixar de o experimentar completamente por diversas razões. Por vezes, Deus pode retirá-lo para impedir que a pessoa comece a presumir que esse dom lhe pertence ou que o pode controlar à sua vontade. Tal presunção é orgulho. Sempre que a sensação da graça é retirada, a causa é o orgulho. Não necessariamente porque a pessoa tenha cedido ao orgulho, mas porque, se essa graça não fosse retirada de tempos a tempos, o orgulho acabaria certamente por criar raízes. Na sua misericórdia, Deus protege o contemplativo desta maneira, embora alguns principiantes insensatos

cheguem a pensar que Ele se tornou seu inimigo. Não conseguem perceber quão verdadeira é a sua amizade.

Noutras ocasiões, Deus pode retirar o seu dom quando o jovem aprendiz avança descuidadamente e começa a considerá-lo como algo natural. Se isso acontecer, ficará muito provavelmente oprimido por amargas angústias e remorsos. Mas, ocasionalmente, Nosso Senhor pode adiar a restituição do dom, para que, depois de perdido e novamente encontrado, seja apreciado com maior profundidade.

Um dos sinais mais claros e seguros pelos quais uma pessoa pode saber se foi chamada a esta obra é a atitude que descobre em si quando volta a encontrar o dom da graça que tinha perdido. Com efeito, se, depois de uma longa demora e de um período de incapacidade para se entregar a esta atividade, sente renascer o desejo com maior intensidade e com um anseio mais profundo de amor — sobretudo se, como muitas vezes penso, a dor causada pela perda lhe parece insignificante comparada com a alegria de a ter reencontrado —, não receie enganar-se ao acreditar que Deus a chama à contemplação, qualquer que seja a pessoa que é atualmente ou tenha sido no passado. Deus não considera, com os seus olhos misericordiosos, aquilo que és ou aquilo que foste, mas aquilo que desejas ser. São Gregório afirma que «todos os desejos santos aumentam de intensidade quando se atrasa a sua realização, e o desejo que desaparece com a demora nunca foi santo». Pois, se uma pessoa experimenta cada vez menos alegria quando volta a descobrir a presença súbita dos grandes desejos que anteriormente alimentava, isso é sinal de que o seu primeiro desejo não era santo.

Talvez tenha experimentado uma inclinação natural para o bem, mas essa inclinação não deve ser confundida com o desejo santo. Santo Agostinho explica aquilo que quero dizer com desejo santo quando afirma que «toda a vida de um bom cristão não é senão um santo desejo».

Meu querido amigo, despeço-me de ti com a bênção de Deus e com a minha. Que Deus conceda a ti e a todos os que O amam a verdadeira paz, um conselho sábio e a sua própria alegria interior na plenitude da graça. *Ámen.*